

AUTORES & LIVROS

Ano IX

Agosto de 1949

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
P R E C O : — Cr\$ 3,00

N.º 11

Vol. X

Notícia sobre Joaquim Nabuco

Nasceu Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araújo no Recife, Pernambuco, à rua Aterro da Boa Vista, n.º 39 às 8.30 da manhã de 19 de agosto de 1849, era filho do Dr. José Tomaz Nabuco de Araújo e de sua esposa, d. Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, sobrinha do marquês do Recife, o morgado do Cabo, Francisco Pais Barreto. Entre os seus ascendentes maternos destaca-se a figura de João Pais Barreto, fundador do mesmo morgado em 1580. Foi homem de raras virtudes e caridade exemplar. E seu nome figura no "Agiologio Lusitano".

Quanto à sua família paterna, estabeleceu-se ela no Brasil desde os meados do século XVIII. Já na Constituinte do Império brilhava o nome Nabuco, representado na pessoa do character José Joaquim, Barão de Itapian, que foi depois senador do Pará. Era tio bis-avô de Joaquim Nabuco. A 8 de Dezembro do mesmo anno de 1849 foi batizado na capela do Engenho Massangana, tendo como padrinhos Joaquim Aurelio de Carvalho e sua esposa D. Ana Rosa, donos dessa propriedade.

Nesse engenho, com pequenos intervalos de estada em casa de seu pai, quando este, nas férias parlamentares, vai a Recife, Joaquim Nabuco permaneceu até ao falecimento da madrinha, em 1857. D. Ana Rosa tem pelo pequeno uma ternura maternal. E deixa extravasar esse sentimento nas cartas que escreve aos pais do menino. "E das obras de misericórdia castigar os que erram. Mas o menino não quer..." — assim conta ela ao senador Nabuco. Em Massangana é que Nabuco tem aos 8 annos de idade o encontro com o sofrimento e a miséria da escravidão, personificados no vulto daquele escravo fugido, que abraçava os seus joelhos de criança, implorando a sua proteção para que o desgraçado não fosse condemnado a volver ao domínio de um mau senhor. E desse dia, pode dizer-se, que começa a sua radica vocação de abolicionista.

Morta a madrinha, Nabuco veio para o Rio, para a casa paterna. E matriculando-se num collegio em Píburgo, tem como preceptor o Barão de Taubert. O velho sábio fica encantado com o seu novo aluno. Sobre ele escreve ao Dr. Nabuco de Araújo: "O Joaquim é um talento transcendente e fora de linha; nunca tive outro aluno de tanta intelligencia".

Completo os estudos no Pedro II, e, bacharel em letras em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os tres primeiros annos de Direito. Não tardou em ser eleito presidente do Ateneu Paulistano, sociedade dos estudantes. Rui Barbosa é o segundo orador desse centro... O primeiro orador é um sapão chamado Moreira.

E a esse tempo que, na capital paulista inicia suas actividades de imprensa: funda a *Tribuna Liberal* e a *Independencia*; collabora no *Ipê* de Salvador de Mendonça. No anno de 1868 estão juntos, cursando o 3º anno da Faculdade,

Nabuco, Rui e Castro Alves, e mais Rodrigues Alves e Afonso Pena.

Nabuco, porém, vai concluir o curso no Recife: deixando São Paulo, Rui o substitue na presidência do Ateneu; o novo orador eleito é Castro Alves.

Em 1870 — pertencendo a uma turma em que também se diplomam Gaspar de Drummond, Herculano Bandeira, José Mariano, Meira de Vasconcelos, Sanecho de Barros Pimentel e Ulisses Vianna — forma-se em Direito. Colabora então na *Reforma* (do Rio de Janeiro). Já a esse tempo, transparecem seus sentimentos de entusiasta do Abolicionismo.

A seu pai escreve, quando se falava em que ele subira ao governo, em 71: "Há uma gloria unica que eu sonho para V. M. neste país. Quero que seu nome esteja abaixo do decreto que acabar com a escravidão. Se V. M. for chamado ao ministério, aceite-o por dois dias para "dilatatoriamente" extingui-la."

Nesse mesmo anno de 1871, já bacharel, entra para o escritório de advogado do seu pai. Mas a sua passagem é curta. "Numa das primeiras causas de que se encarregara, conta Carolina Nabuco, e pela qual se vinha interessando, ele estava já perante o juiz só então teve conhecimento de um fato que mudava o aspecto do caso. Seu cliente lhe havia escondido que existia um herdeiro reconhecido para o legado que reclamava; uma criança morta minutos depois do nascimento e cujos direitos passavam à mãe. O jovem advogado, sem se preocupar com a assistência declarou ao seu constituinte que ele o havia iludido e foi a reclamação era injusta. Foi dali dizer ao seu pai que a carreira não lhe convinha.

Em 1875, escreve no "Globo", onde agride José de Alencar a propósito do drama "O Jesuita". O grande escritor, genio susceptível e irritado — respondeu ao panfletário adolescente. Nesse mesmo anno, já estreitamente ligado a Machado de Assis, funda, com o grande romancista, a revista *A Época*. No anno seguinte é nomeado addido de legação em Washington. Ali conhece o Barão de Carvalho Borges, o nosso ministro, "que tem acanhamento de lhe dar officios para copiar". No seu diário, há muitas impressões desse tempo. É interessante citar esta máxima sobre o casamento: "Casar é criar raizes; e o que tem raizes, como toda a árvore, vegeta".

E seu companheiro nos Estados Unidos, Saldanha da Gama. Mais tarde, quando articulam planos de reimplantação da Monarquia, Nabuco chamará o seu amigo "Duque de Saldanha".

Em 1878, depois da morte do pai, foi apresentado candidato à deputação por Pernambuco. Ali, num "meeting" académico, lança um programa que era um desafio: "a grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão" e a frase provocou o principal incidente dessa facil campanha conduzida pelo partido. Quando se viu pateado por

motivo dessa declaração no mesmo teatro Santa Izabel, que seria o cenário de tantos dos seus triunfos, provou concientemente e com deleite o prazer do orador que, no meio da tempestade, e "anteve que estes que o injuriavam naquele momento estariam com ele na dia imediato".

Nesse anno, antes de ir para a Câmara, tem, pela segunda vez, febre tifóide. E muito fraco, quase convalescente, alinda, da moléstia, que pronuncia, na Câmara, o seu primeiro discurso, defendendo a elegibilidade dos não católicos. Nesse discurso tem estas palavras: "o direito da minoria, o direito de um só, em relação a sua religião, é tão perfeito e completo como o direito de todos".

Sua eloquencia, a esse tempo, é cheia de reminiscencia literarias e mitologicas. Afonso Celso, o futuro visconde de Ouro Preto, dirige-se a ele num discurso: "Peço licença ao nubre deputado por Pernambuco para deixar em paz Schiller, Carlos V, Felipe II, Gambetta, morenos ou vivos... para tratar somente do objeto em discussão."

E em 1889 que começa a grande luta do abolicionismo. Nos "meetings" que se realizam, então, André Rebouças e José do Patrocínio varrem à ultima hora, o palco e os carotes do teatro, com o publico à espera.

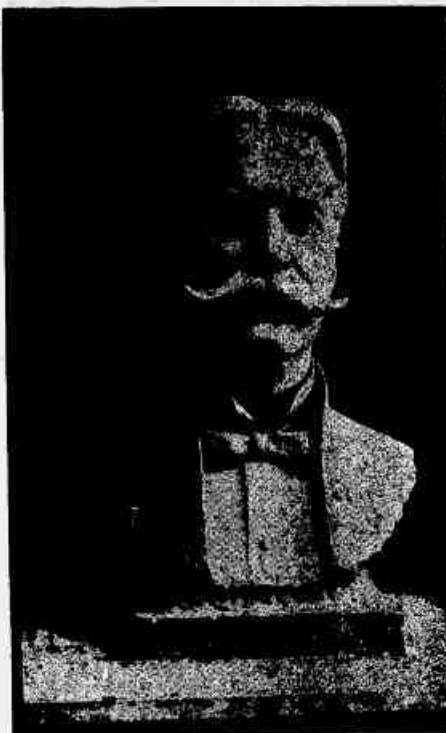
No fim desse anno, Nabuco parte para a Europa. Na passagem por Lisboa, apparece na galeria diplomatica da Câmara dos Deputados. Ao vê-lo, Antonio Cândido propoz, que fosse dispensado o regimento e que se introduzisse no recinto o deputado brasileiro.

No renovação da Câmara, no anno seguinte, é excluido pelas suas idéas liberais. Foi a unica legislatura do Imperio em que não figurou o nome dos Nabucos de Araújo, representados, desde a independência até à República, no parlamento brasileiro. Nabuco aproveitou esse decaimento para escrever o seu livro "O abolicionistas". E collabora com artigos numerosos para o *Jornal do Comercio*. E' nas columnas desse orgão que ele, Rui, Guimarães, Lobo, Rodolfo Dantas, Barros Pimentel, fazem a defesa do Ministerio Dantas, em artigos que assinam com pseudónimos britannicos: Garrison, Grey, Clarkson, Chatham, Wilberforce, Buxton...

Não tarda a assomar a outra tribuna jornalística: a do *Paiz*. E de 1884 a fundação dessa folha, que principio teve como director Rui Barbosa e depois Quintino Bocaiuva: ali fez Nabuco, ao lado de Joaquim Serra e de outros, a sua campanha pelo Abolicionismo.

Em 1885, depois de notabilissima campanha em Pernambuco, volta à Câmara sob uma chuva de flores. Nesse anno inicia uma nova luta, que espera levar ao fim com tanto entusiasmo quanto o da abolição — e a da "federação das provincias" causa também despozada pelo seu amigo Rui Barbosa. Com uma differença, porém, accentuada pelo proprio Nabuco: a de que ele permanecia monarchista dentro da

(Continua na página 132)



Busto de Joaquim Nabuco. Trabalho do escultor Honório Peçanha, para a Faculdade Nacional de Filosofia.

SUMARIO

- PAG. 121:
— Noticia sobre Joaquim Nabuco.
— Nota a este numero de "Autores e Livros".
PAGS. 122, 123, 124, 125 e 126:
— Attitudes jornalisticas de Joaquim Nabuco. Conferencia pronunciada no Instituto Historico por Mucio Leão.
PAGS. 127 e 128:
— Bibliografia de Joaquim Nabuco.
PAG. 133:
— Um documento precioso para

a historia da questão da Guiana Inglesa. Carta de Guilherme Ferrero a Graça Aranha (reprodução fac-similar).

PAG. 130:
— As comemorações pernambucanas a Joaquim Nabuco — Palestra com o Dr. José Tomaz Nabuco, por Sérgio Vellozo.

PAG. 131:
— Documentário Casimiro de Abreu — Cartas de Horácio José Marques de Abreu a Nilo Bruzzi.

Nota a este numero de "Autores e Livros"

O nosso fasciculo de hoje, sai um pouco differente dos demais. Estamos, no actual volume, apresentando e sintetizando as grandes linhas da litteratura brasileira no século XVIII. Demos o ultimo fasciculo a Rocha Pitta, iriamos dar o de hoje a Antonio José Tai, porém, não aconteceu.

E que, com o presente fasciculo, *Autores e Livros* quis prestar sua homenagem a Joaquim Nabuco, o grande escritor e o grande homem, cujo centenário de nascimento, gloriosamente comemorado pelo país todo, transcorreu a 19 de agosto.

A contribuição que o Brasil inteiro, através da palavra dos seus vultos mais representativos, no pensamento e nas letras, deu para a celebração do centenário do autor de *Minha Formosa* foi ampla, erudita, substancial, e não nos lembramos de outro centenário que tenha merecido a historiadores, a criticos, a biographos e a ensaístas tantos trabalhos repletos de erudição e de gosto.

O Instituto Historico levou a realização um curso de conferencias excellentes, de cada uma das quaes poderiamos dizer, sem exagero, ser uma página à altura de Nabuco.

A Academia Brasileira de Letras assistiu também a uma conferencia acerca do escritor, e abriu o seu salão, na noite de 18 de Agosto, para uma sessão solene, na qual o sr. Levi Carneiro, actual occupante da cadeira criada por Joaquim Nabuco, pronunciou o discurso official das comemorações. Igualmente celebraram Nabuco o Itamaraty

e o Pedro II, o Ministerio da Educação, a Federação das Academias de Letras, a Academia de Medicina, os Institutos Historicos e as Academias de Letras dos Estados, a Faculdade de Direito do Recife, a Faculdade de Direito de São Paulo e o Instituto da Ordem dos Advogados desta capital...

Registamos de forma especial, entre tão expressivas comemorações, aquellas que promover o Estado de Pernambuco. Tendo à sua frente um intellectual de estirpe nabuqueana, como é Barbosa Lima Sobrinho, Pernambuco promoveu uma serie de cerimoniaes — conferencias, sessões civicas, romarias a lugares illustres, etc. A essas comemorações compareceu, como representante da Academia Brasileira de Letras, o sr. Celso Vieira, que inaugurou no Recife as conferencias alusivas a Nabuco (falando no Santa Izabel). Compareceu também a familia de Joaquim Nabuco, cujos membros, — a escritora Carolina Nabuco, a Embaixador Mauricio Nabuco, Dr. José Tomaz Nabuco de Araújo — em seu regresso, se declararam encantados com Pernambuco, edmóvidos pela atmosfera de carinho e de admiração que ainda ali encontraram, envolvendo o nome do seu illustre pai.

E pois, abundantissima a materia de que poderiamos dispor, para organizar este numero dedicado ao centenário de Nabuco. Não podendo aproveitar todos os trabalhos nem sequer a minima porcentagem deles, pois tanta iniciativa demandaria muita

(Continua na página 132)

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

UM ORADOR QUE SE FAZ JORNALISTA

Para Joaquim Nabuco, o jornal resumia-se a um instrumento secundário de trabalho e de propaganda. Seu grande instrumento de ação pública, aquele por força do qual conduzia suas idéias no coração do povo, deles impregnando a consciência das multidões, é a palavra. E pela oratória, no Parlamento, nos teatros, nos meetings da praça pública, que ele se mostra o campeão inflexível da idéia do Abolicionismo, que leva essa idéia até a vitória mais luminosa. Nos intervalos da ação oratória, porém, toda a vez que a não pode exercer, recorre ele para o jornalismo.

E assim que, depois dos encontros quase infantis dos seus dias de estudante e de bacharel recém-formado, ainda cheio dos entusiasmos acadêmicos, o vemos tomar o rumo definitivo, o da ação pela oratória; e não regressar ao jornalismo quando isso lhe parecer imprescindível, como um complemento da ação parlamentar.

E, ainda assim, será inspirado por um motivo de ideal, por um pensamento força, que esteja no fundo do seu coração... Suas colunas jornalísticas até 1888, só têm uma finalidade: difundir o anseio abolicionista, defendê-lo de qualquer forma, mesmo que seja nas entrelinhas de uma crônica aparentemente toda literária. A partir de 1889, seu jornalismo só tem um intuito: defender a Monarquia, exaltar-lhe os incompensáveis méritos, embora não pareça sonhar, como o fazia Carlos de Lacerda, por exemplo, com nenhuma possibilidade de restauração imediata.

AS ESTREIAS EM S. PAULO

Foi em São Paulo, em 1867, quando cursava o segundo ano de Direito, que Joaquim Nabuco iniciou as suas atividades jornalísticas. E' daquele ano a folha que fundou, a *Tribuna Liberal*, na qual tomou o encargo dos artigos de fundo. São seus companheiros, nesse empreendimento, Salvador de Mendonça, Ferreira Braga, Leocádio de Carvalho, Martin Cabral, Monteiro de Barros, Pereira Campos e Címaco Cerníaco.

Não tarda, a companhia inicia a sua dispersão: — Salvador de Mendonça retira-se, para lá fundar, com Ferreira de Mendonça, o *Ipiranga*.

No ano seguinte, vemos Nabuco realizar outra tentativa jornalística — a fundação do *Independência* — onde tem a companhia de Castro Alves, Rui Barbosa, Martin Cabral, Carvalho Moreira, Pimenta Bueno e outros. Esse novo jornal apresenta um programa audacioso: pretende desenvolver o progresso real no país, mediante a instrução para todos, mediante a liberdade para todos as crenças, mediante a garantia do voto, mediante a responsabilidade dos ministros... Inadequado em seu programa ou, talvez, iniciativas avançadas: a defesa da imigração, a defesa do casamento civil...

São, evidentemente, idéias que só pode acalentar um espírito republicano. E' por isso que, mais tarde, ao analisar a marcha das suas convicções políticas, Nabuco vai mostrar-nos a sua evolução foi feita num rumo sempre favorável à tradição, no sentido do liberalismo para o conservadorismo, no sentido da República para o Monarquia.

Como era natural, um tal programa encerrava o dever de combater o governo. E era o que Nabuco fazia, erguendo a sua pena contra Zacarias, o chefe a quem enfrentava o senador Nabuco de Araújo prestava inteiro apoio. O senador

lia os artigos do filho, e, embora não achasse nada de mais grave, contudo escrevia ao rapaz, dando-lhe muitos conselhos: que ele estava gastando muito tempo, e um tempo precioso, com essas coisas inúteis de jornal; que era muito melhor que tratasse de estudar os seus juristas e os seus praxistas... Mas o jovem Nabuco era demasiado otoso de sua independência de homem

MUCIO LEÃO

e Tito Franco, Silveira Martins e Joaquim Manuel de Macedo, Lafayette e Varnhagen, Bernardo Guimarães e Vale Cabral, Teófilo Ottoni e Benedito Ottoni, Homem de Melo, e tantos outros.

A esse jornal dá Nabuco o entusiasmo de sua mocidade em flor. Estreara-se em colunas

que ele recolhe depois, no livro intitulado *O Partido Ultramontano*.

Os dias passam, muitos e longos, e Nabuco, já com a serenidade da idade madura, voltará a contemplar esses trabalhos de uma hora de ardor e de combate... Reafirma, então, seus anseios de liberdade, fazendo ver que a Igreja — sobretudo depois da esplêndida lição do pontificado de Leão XIII — terá tudo a ganhar com a liberdade. Parece-lhe fora de qualquer dúvida que o futuro do mundo pode pertencer "à aliança já selada no atual pontificado da Igreja Católica com a Democracia".

E' essa — parece-nos hoje — uma linguagem capaz de ser entendida pelos melhores espíritos religiosos. E' ela que vemos influenciar o coração desses católicos inteligentes e práticos, que sabem que a Igreja tem o principal segredo de sua eternidade na possibilidade das suas infinitas adaptações às novas condições de vida que o mundo vai apresentando.

Numa corrente de idéias, porém, Nabuco, no envelhecer, faz um recuo: é no terreno do combate à religião católica. "Do que preciso fazer renúncia em favor das traças que os consumiram (diz-nos ele, num dos exames de consciência que encontramos em *Minha Formação*) e de tudo o que tivesse opusculos escrevi em espírito de antagonismo à religião, com a mais soberba incompreensão de seu papel e da necessidade, superior a qualquer outra, de aumentar a sua influência, a sua ação formativa, reparadora, em todo caso consoladora, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade."

Esse período da *Reforma* revela, por outro lado, a nitida evolução que se processou no espírito de Nabuco: a evolução da tendência republicana, que ele trouxera de São Paulo, para a grande inspiração de adoração e amor pela Monarquia, que de ora em diante, e já sem mais interrupção, será a sua.

Em 1871, com efeito, ele aconselha o Imperador a ir à *Velha Europa*. E por que? Porque, indo aos Estados Unidos, vendo a grande pais à frente do progresso industrial e moral, compreenderia que os reis podem ser uma hipótese, um luxo, uma superfetação... "Ao ver... esse poder que passa de um soldado para um lenhador, para um alfaiate, sempre o mesmo, íntegro e perfeito, ele, guardando o amor da família, que cresce, porque já não era a dinastia, perderia o culto da hereditariedade..." Dois anos depois, sua linguagem já é outra, e bem outra. Ele recebeu, no intervalo, o influxo de seu mestre Bagehot, e agora é assim que fala: "E' preciso realmente ser iludido, ou pelas palavras ou pelos símbolos, para chamar ao rei do sistema parlamentar um tirano. Nem mesmo pode comparar-se um Lincoln com uma Vitória; o Presidente americano governa, administra, tem a sua disposição milhares de empregos públicos, é o chefe de seu partido, tem uma responsabilidade inteira no governo e uma iniciativa poderosa; pode ser um Washington ou, se quiser, um Johnson. O soberano inglês não tem poder algum; o parlamento indica-lhe o ministro que ele chama, não podendo chamar outro; esse ministro imposto torna-se o chefe do Estado, apresenta as leis a que o soberano não pode negar sanção, e dissolve a câmara se ela lhe retira a confiança; e quando o ministro governa, o rei somente reina. Não terá esse tirano inglês muito menos poder do que o primeiro magistrado americano?"

O ANO DE 1875. O GLOBO. O ano de 1875 assinala o segundo grande contacto de Nabuco com o público carloco,

através de colunas jornalísticas. E' então que se inicia a sua colaboração no *Globo*; é então que ele funda com Machado de Assis a sua revista *A Época*.

A coluna que mantém no *Globo* é a mais literária de quantas em qualquer tempo criou. Tinha ele feito a primeira viagem aos países civilizados, tinha visitado Paris e Roma, e trazia os olhos cheios do deslumbramento das coisas belas e ilustres que contemplara. Foi no correr dessa viagem que teve ocasião de aproximar-se de George Sand, já velha, que lhe escreveu cartas impregnadas de tanto carinho e de tanta ternura. Tivera a felicidade de ser recebido em uma audiência particular por seu mestre amadíssimo, Renan, e em outra por Pio IX. Podia dizer, assim, que estivera com os dois chefes espirituais do mundo — o papa verdadeiro, o sucessor de São Pedro, o emissário da palavra de Cristo, e o papa lúcio, o sutil e doce heretico, o que dirigia os corações e as inteligências que sofreram nos purgatórios da dúvida.

Ao regressar ao Brasil, traz todos esses deslumbramentos. D. Pedro II deve, a esse tempo, ter trocado impressões com ele, porque o convidou para fazer uma série de conferências acerca do que viria e estudara na Europa. E' assim que nascem as suas conferências acerca de Miguel Angelo e Rafael, e dos pintores venezianos.

E, pois, desse ano, a sua colaboração no *Globo*.

Nabuco asseme, nessa folha, uma coluna dominical, e nela, através de estranhos rodopios sobre assuntos de literatura e de arte, escreve ensaios que José Veríssimo compara aos *Lusis* de Sainte-Beuve. E, realmente, aquela uma sua grande fase de crítico, e não compreendemos como os editores do escritor não se lembraram ainda de reunir em volume tais trabalhos.

A POLEMICA COM JOSE DE ALENCAR

E' pelas colunas do *Globo* que ele trava a mais viva de suas polémicas literárias, a polémica com José de Alencar.

Fôra encenado no Teatro São Luiz o drama *O Jesuita*, da autoria do romancista. A nota do *Globo* registra a representação do drama "do festejado e milmoso escritor", e, embora não me pareça de toda perdida, embora não me pareça unanimemente inspirada no espírito de negação dos méritos do dramaturgo, fez duas observações destinadas a ferir no mais profundo o coração de Alencar: a primeira era dizer que na noite da representação o teatro estava às moscas; a segunda era fazer ver que o drama fora escrito havia 14 anos, e assim mesmo representado. As notas de outros jornais coincidem em observações do mesmo teor. Alencar indignou-se com tais críticas, e escreveu uma série de artigos para o *Globo*, nos quais deixou transparecer seus sentimentos. "Uma obra escrita por um brasileiro que não é maçom nem carola; um drama cujo pensamento foi a glorificação da inteligência e a incarnação das primeiras aspirações da independência desta pátria repudiada; sepelhar a produção era em verdade um escárnio atirado à face da plateia fluminense." Alonga-se no exame das qualidades do seu drama, procurando demonstrar que não é um fracasso, como asseguram os seus detratores...

Em data de 3 de outubro, Nabuco vem a público, com um artigo assinado, e reafirma as críticas iniciais do *Globo*. Em um dos trechos do seu artigo — trecho, aliás, revelador de um mau gosto inusitado no fino e harmonioso escritor que ele



Fac-símile do exemplar prova de "Minha Formação" (edição de 1900). As emendas são do punho de Nabuco.

de imprensa, para se deixar levar por esses conselhos. Podemos acreditar que também no espírito de Zacarias os artigos de combate do moço estudante não hão de ter deixado nenhuma grande massa.

A REFORMA

E' logo depois de formado em Direito, é em 1871, que Nabuco se apresenta aos leitores carlosos como homem de jornal. Foi a *Reforma* a tribuna que naturalmente preferiu.

De pouco antes datava a fundação do *Clube da Reforma*, fruto do esforço e das inquietações de uma vibrante ala do senador Nabuco de Araújo. Nascera esse Clube (contra-não Carlos Pontes) na casa de Tavares Bastos, na qual, no dia 7 de abril de 1869, haviam comparecido, a convite de Francisco Otaviano, vinte e sete figuras das facções liberais — históricos e progressistas. Elaborara-se então o programa do Clube, que é o mesmo, em suas grandes linhas, do Centro Liberal, fundado por Nabuco de Araújo.

Em 12 de maio daquele ano surge a *Reforma*, jornal que está destinado a reunir um grupo glorioso, e que vai ficar, na história da Imprensa brasileira, como um dos mais brilhantes marcos. Seus principais artigos são assinados circunstância que é rara em nossa imprensa da época e deles, subvertendo-os, encontramos os nomes de Francisco Otaviano e Tavares Bastos, Saldanha Marinho

literárias e filosóficas, exercendo a magistratura crítica, que tanto se coadunava com a sua índole serena e meditativa. Mas, em breve, ia ter a sua primeira atuação política e nacional. Foi isso por ocasião da Questão Religiosa, questão que, como era natural, apaixonou profundamente o grupo dos liberais que formavam a redação da *A Reforma*. Nesse momento ele dá à sua colaboração o aspecto franco de uma campanha. Coloca-se abertamente do lado das sociedades maçônicas, abertamente contra a intolerância e o facciosismo dos partidários da Igreja. Segundo pensa, não existe, para as instituições ou mesmo para o povo, maior perigo do que a absorção eclesiástica e a podresca. Eis como fala em um dos seus escritos: "A teocracia é o governo de Deus, mas como Deus, no menos aparentemente, não se envolve na administração, é o governo dos padres, o governo dos representantes de Deus ou de uma casta sacerdotal." Declara-se campeão intransigente do ideal de Liberdade e assim se exprime: "Só aquele que serve à causa da liberdade e da justiça pode ser chamado na forte linguagem de Shakespeare — o soldado de Deus!" São expressões que achamos em sua famosa conferência sobre a *Questão Religiosa*, logo depois tirada em folheto com o título de *A Invasão Ultramontana*.

Idêntico é o tom de todos os seus escritos da época, atinentes à mesma questão, artigos

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

poise, cujo em acofo, mandiocas em manto; e o mesmo acontece com os outros povos acérra de várias palavras americanas. A iniciativa dessa nacionalização filológica do vocabulário exótico há de partir de alguém: um será o primeiro a dar-lhe o cunho brasileiro; e porque não pode ser este o escritor?"

A discussão de Nabuco e Alencar foi longa, foi infinita... E deu, em uma palavra, o resultado que neste mundo dão todas as discussões: nenhum. Alencar, ao contrário do que previa Nabuco, continuou a ser o mesmo grande e rústico romancista, adorado de todos os brasileiros; Nabuco, ao contrário do que insinuava Alencar, firmou-se como um dos maiores e mais soberanos espíritos da crítica, da história, do pensamento brasileiro...

Reconciliado com o glorioso antagonista, Nabuco lamentava, na maturidade do seu espírito, os excessos e as injustiças a que se deixara conduzir no acesso daquela polêmica.

A ÉPOCA

É desse mesmo ano de 1870 a fundação da revista *A Época*, em que Nabuco e Machado de Assis se encontram juntos.

A essa publicação refere-se Machado de Assis em uma das notas dos *Papéis Avulsos*, ao tratar do seu conto *A chinês-turca*. Assim diz ele: "Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Época* n.º 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de *Manassés*, com que assinei outros artigos naquela folha efêmera. O redator principal era um espírito eminente, que a política veio tomar às letras; Joaquim Nabuco. Fosse diário sem indagação. Eramos poucos e amigos. O programa era não ter programa, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redator plena liberdade de opinião pela qual respondia exclusivamente. O tom feita a natural reserva

da parte de um colaborador era elegante, literário, ágil. A folha durou quatro números." (*Papéis Avulsos*, nota B).

Como se vê, Machado de Assis afirma que a folha durou quatro números. Sendo assim, a coleção da Biblioteca Nacional está incompleta, pois ali só encontramos três números da *Época* — os correspondentes às datas de 14 de novembro e 1 e 18 de dezembro.

O número inicial da revista apresenta-se com um artigo-não de fundo anônimo, tão curto e tão condensado que nos inclinamos a crer que seja da autoria de Machado de Assis. De Machado ou de Nabuco, vale a pena transcrever-lo: "O nosso programa é não tê-lo. Se as nossas esperanças forem realizadas, sendo bem acolhida a presente tentativa, a *Época* poderá talvez um dia preencher uma lacuna sensível de nossa imprensa, a de uma publicação destinada a apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião refletida sobre as diversas questões artísticas, literárias e políticas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de órgão àquela parte de nossa população que se chama em um sentido restrito — a sociedade brasileira".

As pessoas que, compreendendo o nosso ponto de vista, quiserem auxiliar-nos, terão franquias as nossas colunas.

Os diversos colaboradores desta folha têm, nas seções que redigem, a mais completa liberdade de pensamento, e cada um responde exclusivamente pelos artigos, que assina com o seu pseudônimo." (Do n.º 1 — 14 de novembro de 1875).

Se Machado assina os seus trabalhos com o pseudônimo de *Manassés*, Nabuco assina os seus com o de *Nimród*. E de Nabuco a coluna política, como a coluna literária é do romancista. Não quer dizer que de vez em quando Nabuco deixe de dar à folha uma bela con-

tribuição literária, como, por exemplo, a de versos em francês.

Seu intuito na *Época* é, porém, principalmente, político. No número de estreia, por exemplo, publica uma crônica acérra da mudez do ministro do Império (tratava-se de José Bento da Cunha Figueiredo). Nabuco, de certa forma, adiciona ali o Ego de Queiroz de Facheo. Eis algumas linhas daquela *Carta ao Ministro do Império* — linhas que servem como resumo da página sarcástica:

"Enquanto outros chegaram a uma posição por uma loquacidade importuna, por meio de programas e de ideias que abandonaram, V. Excia., com a sua reconhecida discreção, nunca procurou outro meio de subir senão o silêncio. Para ser presidente da província, ministro de Instrução Pública, ministro, e até Regente Presuntivo do Império, V. Excia. não faz mais do que calar-se. Eis aí a superioridade de V. Excia. sobre os seus colegas."

O ABOLICIONISTA

O *Abolicionista*, mensário que Nabuco publica em companhia de André Rebouças, é o órgão da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Foi essa sociedade fundada em casa do próprio Nabuco, à rua Bela da Princesa do Café, em 7 de setembro de 1880, conforme se vê da anotação do *Diário de Rebouças*.

A sessão da instalação teve a presidência de Joaquim Alves Branco Moniz Barreto, e achavam-se presentes os abolicionistas que haviam atendido ao convite de Nabuco. Nessa primeira sessão Alves Branco, Saldanha Maranhão e o conselheiro Beaupreire Rohan foram eleitos presidentes de honra; Nabuco, presidente; Adolfo de Barros e Marcelino Moreira, vice-presidentes; Nicolau Moreira, secretário-geral; José Americo dos Santos e José Car-

los de Carvalho, secretários; André Rebouças, tesoureiro.

A 1 de novembro seguinte saiu o primeiro número do *O Abolicionista*, e nele encontramos a presença de Nabuco através de dois trabalhos — uma carta a Adolfo de Barros e um projeto de Abolição, antes apresentado à Câmara.

Logo depois, porém, Nabuco segue para a Europa, e interrompe-se assim o interesse da colaboração que ele havia de dar a essa folha.

Ignoro quantos números deu *O Abolicionista*, pois a coleção que consegui estudar na Biblioteca Nacional me parece muito incompleta, constando apenas de 4 números. No *Diário de Rebouças*, porém, em data de 28 de outubro de 1881, encontro esta anotação: "Distribuiu o *Abolicionista* n.º 13 de propaganda para a eleição do amigo Nabuco."

JORNAL DO COMÉRCIO

Com o *Jornal do Comércio* manteve Nabuco uma fiel e constante amizade. Ocupa várias funções, exerce várias atividades no velho corifeu da imprensa brasileira. Ora é o folhetinista literário, gracioso e poético, que se assina com o pseudônimo de *Freischütz*, ora é o atilado, o informalíssimo correspondente que de Londres envia estudos e crônicas.

Registremos um, entre os episódios mais interessantes que se prendem a essa sua longa e sedutora atividade.

A 21 de agosto de 1881, escreve ele a propósito de D. Marianinha Teixeira Leite Cintra da Silva, esposa de Joaquim Arsenio Cintra da Silva. Estava a morrer a formosa moça, e eis como o cronista registra o fato: "Se a vida triunfar da morte e recompuser na sua perfeição os traços que representam para nós a fisionomia a que me refiro, saiba ela que muitos que apenas a conheceram fazem os mais ardentes votos e os misturamos às orações e às preces de sua família para que lhe seja poupada essa tristeza, que não se apaga mais, que se consolida no caráter e é uma das fontes de melancolia espontânea que brota mais tarde do coração: — a tristeza de ver morrer o que é belo na mocidade, na plenitude da vida, arrebatada como os anjos da Bíblia nas vestes deslumbrantes que mal tocam a terra."

Seus votos não se cumpriram, e D. Marianinha veio a falecer. Comovido, o viúvo mandou gravar na pedra do cemitério as palavras lindas daquela crônica, e, como ignorasse quem as havia dito, pediu a Machado de Assis que comunicasse sua gratidão ao autor. Deslumbrou-se Machado da comissão, e conclui, melancólico: "Estou certo de que você lerá o recado do Arsenio com a mesma emoção com que o ouvi. Pobre Marianinha!"

Passam-se os tempos, e, quinze anos depois, em data de 24 de maio de 1896, Machado escreve uma carta a Nabuco recordando aquele antigo episódio, e contando um fato que poderia constituir o resumo de um dos seus contos. Joaquim Arsenio, agora viúvo de sua segunda esposa, aproveitou para a sepultura dela as mesmas doces palavras que outrora Nabuco escrevera acerca da sua primeira mulher. ... Assim flutua com o novo epítáfio:

"A esposa extremamente arrebatada na plenitude da vida, como os anjos da Bíblia, nas deslumbrantes vestes que mal tocam a terra."

"Saudade eterna!"

É como correspondente do *Jornal do Comércio* (e também de *Razon*, de Montevidéu) que Nabuco permanece em Londres, em 1882. Apaixonado por tudo o que se prende à vida na Inglaterra (e em geral na Europa) trata com um conhecimento cabal todos os assuntos princi-

pais que vão surgindo — sejam temas de arte, sejam temas de literatura, sejam, principalmente, temas da sociedade e da política. Sua orientação no campo das ideias, a verdade e a honestidade perfeita de suas informações, a beleza e a superioridade da forma em que escreve, impressionam vivamente seus leitores. Sirva, de comprovação o depoimento de Machado de Assis: "E agora, passando a coisas de maior tomo, deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o *Jornal do Comércio*, como que os meus amigos e pessoas com quem converso, a tal respeito, têm a mesma impressão. E olhe que a dificuldade, como V. sabe, é grande, porque no geral as questões inglesas (não só as que V. indicou em uma *Pais*. Ali criou ele *A Sessão Parlamentar*, coluna que saía diariamente sob sua assinatura, e na qual prosseguia a atividade abolicionista, dando-lhe o mesmo ardor que até então lhe dedicara na *Câmara*."

São dessa fase várias campanhas em que ele se lança a fundo, saindo sempre vitorioso, como a da pena de açoites, como a dos militares que perseguiram os negros fugidos.

O Juri de Paraíba do Sul condenara quatro escravos à pena de trezentos açoites; dois deles morreram em consequência do castigo. Nabuco denuncia o fato, protestando contra a iniquidade da lei brasileira, que mantinha para os cativos e pena de açoites. O Senado tomou conhecimento do seu protesto, através da palavra de Dantas. Como resultado da agitação, em poucos meses vin-se estabelecida a igualdade da lei em nosso país para todos os criminosos.

O ano seguinte marca outro de seus grandes momentos na marcha das ideias abolicionistas: a vitória da tese de que aos soldados do exército não deve caber a missão de perseguir os negros fugidos.

O assunto fora trazido à discussão por um fato que ocorrera aqueles dias: tinham fugido de Capivari sessenta escravos, armados de foice e de paus, os quais se haviam homiziado na Serra do Cubatão. Constituíam talvez aquela caravana trópega e desgraçada, que Vicente de Carvalho nos mostra, arrastando-se no anseio de atingir as colinas azuis onde sorri a liberdade, e deixando um pouco de trapo em cada espinho e uma gota de sangue em cada trapo.

Foi esse fato que mereceu um das cartas, e ne prendem aos costumes e interesses locais, mas não as grandes: são pouco familiares neste país; e fazer com que todos os acompanhantes com interesse, não era fácil, e foi o que V. alcançou. Sua reflexão política, seu espírito orientado e moderado, além do estilo e do conhecimento cabal das coisas, dão muito peso a discursos. Há um trecho deles, que não sei se chegou a cristalizar-se no espírito dos nossos homens públicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da biblioteca de todos: "e o que se refere à nossa ditada. Palavras de ouro, que cada um sejam palavras ao vento. A usinagem relativa à perda de alguma parte da régua brasileira abre uma porta para o futuro." (Correspondência, pág. 107).

É na coluna inefluente do *Jornal do Comércio* que, juntamente com Rui Barbosa, Gustavo Lobo, Rodolfo Dantas e Barros Pimentel, empreende Nabuco, poucos anos depois, a defesa do Ministério Dantas. Usam pseudônimos expressivos, lembrando estadistas ingleses ou americanos: Clarkson, Chatham, Wilberforce, Buxton... Nabuco é Garrison, Rui Barbosa é Grey.

Pouco depois, fundado o *Paiz*,

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

Telegrama: COPER -- Caixa Postal: 487

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N. 248 E GUARARAPES N. 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado . Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelaria, 9 — s/301
Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado, N.º 180 — s/509

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de quase 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Euack Maranhão.

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

passam "os ingleses do Danúbio" para a nova folha. Nabuco regressará, mais tarde, ao *Jornal do Comércio*. Será depois da República, em hora de mais serenidade, quando, já como um sociólogo, como um historiador, e não como um combatente político, ele se dispõe a contemplar do alto os fenômenos brasileiros e americanos. É ali que dá a conhecer de 1891, o seu *Balanço da sua Intervenção Estrangeira durante a Revolução*, muitos dos belos estudos que entraram depois no volume dos *Escritos e Discursos Literários*.

O PAÍS

Em 1886, tendo perdido a tribuna da Câmara, Nabuco aceita o convite de Quintino Bocaiuva para assumir uma coluna no artigo de Nabuco — um daqueles vibrantes artigos, a cuja eloquência ninguém resistia. "O escravo... morre pela sua liberdade, pela sua família, pela sua raça, morre defendendo-se e não atacando, morre como o mártir da primeira de todas as religiões, como o herói da maior de todas as batalhas, como todo homem tem direito de morrer, desde que não pode ser livre, senão a preço de sua vida". Sem demora boa parte do Exército se acha colocada ao lado do publicista. O Clube Militar redige uma representação à Princesa Isabel, então no governo, representação delicada porém firme, na qual é pedido seja o Exército dispensado da torpe missão. — Era mais um grande passo que o país dava na conquista da sua liberdade definitiva.

Detenhamo-nos alguns momentos sobre a produção de Nabuco no País, no ano do triunfo abolicionista. Nabuco encontra-se na Europa, e, como sempre que pode, dedica algumas semanas a Londres. É de lá que se acham datados seus primeiros trabalhos do ano — a apreciação sobre o ano de 1887, a crônica sobre a República na França, o ensaio a propósito do Centenário do Timor.

Logo depois, porém, parte para Roma. Vai recomendado pelos amigos da *Anti-Slavery Society*, pelo Cardeal Manning. Em Roma recebe três grandes impressões, que transmite aos leitores brasileiros: a impressão da antiguidade, a da religião, a da arte.

Mas o seu grande momento na Cidade Eterna é a audiência que consegue de Leão XIII, e na qual pede ao Pontífice uma palavra que sirva como o testemunho da condenação da Igreja à escravidão.

— Ce n'est je le dirai, vous pouvez en être sûr, respondeu-lhe o Papa. E quando o Papa tiver falado, todos os católicos terão que obedecer.

Sabe-se que B. Santidade não prometia em vão: apenas três meses depois de haver manifestado a Nabuco o seu apoio à campanha, a Princesa Isabel assinava a lei que extinguiu o cativeiro.

Pouco tempo ainda demora Nabuco no País.

É de 26 de junho de 1888 um artigo intitulado *Agitação Social*, no qual Bocaiuva se manifestava republicano. Para publicar esse seu artigo Bocaiuva fizera retirar um artigo em que Nabuco combatia o Manifesto Paulino e a agitação republicana do escravagismo intransigente. O escritor ressentiu-se, e imediatamente mandou seu pedido de demissão. Não lhe quis dar Bocaiuva; e os dois chegaram a um entendimento: Nabuco criou, então, na folha, uma outra coluna, onde podia livremente expandir as suas ideias, sem nenhuma contaminação das ideias do diretor. Intitulou-a *Campo Neutro*.

Mas ali permaneceu apenas durante meses. Era um equilíbrio realmente muito difícil o que os dois amigos tentavam naquela perigosíssima gangorra. De um lado Bocaiuva, com todos os ardores de sua inflexível propaganda republicana; do outro lado, Nabuco, com a sua crença, o seu entusiasmo, o seu amor monárquico. Como conciliá-los, em colunas tão próximas e tão antagônicas?...

Anotação de Rebouças, em 4 de janeiro de 1888: "Retira-se do País o amigo Joaquim Nabuco, por não poder mais suportar a hipocrisia de Quintino Bocaiuva".

JORNAL DO BRASIL

É de 1891 a fundação do *Jornal do Brasil*.

Veio essa folha corresponder às aspirações de uma grande parte da consciência brasileira. Fizera-se a República, e logo a chuva dos adesistas fôra tal que enegrecera os horizontes. A acreditarmos nos protestos de amor e fidelidade ao novo regime, que se multiplicavam por todos os lados, diríamos que a Monarquia brasileira nunca tivera adeptos, e só vivera cercada dos inimigos mais hostis. Entre tantos adesistas de última hora, porém, surgiam, aqui e ali, às vezes, homens serenos, sinceros e justos, que sabiam manter-se fiéis às suas ideologias vencidas. E tais homens tinham a alma confrangida ante o espetáculo que seus olhos contemplavam.

Foi no espírito de alguns desses homens sinceros que nasceu a ideia da criação de um jornal que viesse discretamente falar, para evocar nobres figuras já passadas, para não deixar totalmente apagar-se na alma do povo brasileiro a recordação de uma era que lá pouco a pouco se revestindo, na distância, do prestígio e do encantamento de uma idade de ouro. Um jornal que pudesse orientar — que pudesse sobretudo educar o povo. Essa foi a finalidade do *Jornal do Brasil*.

Fundou-o Rodolfo Dantas. Era uma figura suave, de homem afeto à meditação dos problemas brasileiros, ao estudo e ao trabalho. Rodolfo Dantas — seu nome inteiro era Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas — nasceu na Bahia em 1854. Formara-se em Direito pela Faculdade do Recife. Aos vinte e seis anos fora Ministro dos Negócios do Império e Ministro da Justiça.

Em meio a tão radiosas promessas, porém, resolve abandonar o cenário político, onde tão fulgidamente resplandecia, e entregar-se a atividades obscuras e sem eco. Só mais tarde, depois a Monarquia, voltou à tona, num formidável esforço jornalístico, fundando o *Jornal do Brasil*.

Ficou sendo um mistério sem solução o fato de haver Rodolfo Dantas abandonado a política, quando havia tanto e tanto a esperar de seu talento e de sua energia. Estudando o ato desse seu amigo, Nabuco chegava a enxergar, nele, um sinal de decadência do sistema monárquico. "Entre os sinais da queda da monarquia, pode-se contar também aquele. Quando as instituições adquirem a consciência de sua impotência, e duvidam de sua necessidade, como em redor da monarquia tudo duvidava (via-se bem a adesão até da corte), os espíritos que não se empederam no egoísmo partidário, que aliás é também uma espécie de dedicação, resignam-se ou resignam".

Rodolfo Dantas resignou, mas não se resignou. Voltou à tona, mais tarde, à frente de um jornal de opinião monárquica, para defender o sistema político a que se tornara alheio.

Rodolfo Dantas trouxera para a sua redação uma constelação brilhante e numerosa.

Seus companheiros chamavam-se Joaquim Nabuco, Constantino Alves, José Veríssimo, Gusmão Lôbo, Sancho de Barros Pimentel, Aristides Spínola, Ulisses Vianna, nomes gloriosos nas letras e no jornalismo brasileiro.

O jornal que se estreia apresenta o programa mais elevado, o menos partidário possível. Pretende ficar inteiramente isento de quaisquer paixões e de quaisquer faccionismos. "Exemplarmente declaramos que este jornal não é político nem faz política, tomado o vocabulário na acepção que o uso entre nós lhe atribuiu, como designando o credo e os interesses dos partidos ou dos grupos constituídos com a mira no poder e empenhados em disputar-lhe os perigos, responsabilidades e proventos. Tão desapegados e alheios a esses cálculos, tão imprévisos para o serviço deles nos confessamos, que não queremos nem sabermos considerar essa política senão do ponto de vista que o sr. Renan chamou o de Sirius, ou do infinito; e desse ponto de vista não nos seria dado perceber senão a mesquinhez e a esterilidade dos ódios, das paixões e dos intuitos com que o espírito de partido cimenta os seus interesses mais verdadeiros e reais." Assim falava o seu primeiro artigo de fundo. E todo o programa da folha parecia condensar-se nestes conceitos amplos: "Falaremos, sim, a este novo regime a linguagem que melhor lhe convém, e dir-lhe-emos a verdade a ele próprio mais útil, apontando-lhe a todo o propósito os escolhos fatais à sua índole, os vícios a que sua natureza o dispõe, as fraquezas para que o seu mecanismo o prepara, e que lhe cumprirá a

tudo o transe evitar para que cedo o não contaminem germes de profunda decadência e irreversível decomposição. Este afigura-se-nos o serviço supremo e o mais leal da imprensa aos sistemas políticos como o que atualmente nos rege; o mérito desse serviço sobe de ponto, de valor e de necessidade a considerarmos que, suprimidas as normas parlamentares até aqui reputadas mesmo nesta forma de governo o melhor meio de fiscalizar os abusos do poder, esta função essencial às sociedades livres há de hoje tocar naturalmente e na sua maior latitude à imprensa".

Começando a sair em 9 de abril, o *Jornal do Brasil* fora de vento em popa. Nabuco, nesse momento, se achava em Londres. Mandara previamente vários artigos para a folha, que se iniciava trazendo o seu nome como o de redator mais destacado. Para o amigo e companheiro, que se encontra ausente, Rodolfo Dantas escreve cartas encantadoras, contando o entusiasmo pela realidade de que se vai pouco a pouco revestindo o seu sonho. "Nosso jornal vai com escandalosa felicidade..." — segreda: ele num de suas cartas. E lá, mesmo, na redação era o grupo dos companheiros dedicados e pontuais. Na gerência era a experiência, era o tato de Henrique de Villeneuve. Curioso tipo, o desse francês que se apaixonou pelo Brasil, que aqui viveu desde a adolescência, que foi um dos grandes elementos de prestígio do *Jornal do Comércio*, e que afinal veio a dar a Dantas e a Nabuco os recursos de seu altíssimo nível de comerciante — talvez possamos diz-lo sem exagero — mesmo

de jornalista. Henrique de Villeneuve, pelas suas qualidades cavalheirescas, mundanas e nobres, bem poderia inspirar um curioso romance sobre o Brasil da última metade do século passado.

Pouco depois de fundada a folha, vinha Nabuco para o Rio, continuar, agora de perto, a sua atuação jornalística. Na redação encontrava os companheiros a cujos nomes já nos referimos acima — e entre estes Ulisses Vianna e Sancho de Barros Pimentel, que haviam sido seus colegas no curso de Direito, pois os três se formaram no Recife, em 1870; e sobretudo lá ia encontrar Constantino Alves, um dos seus afetos intelectuais mais profundos, aquele em quem descobriu, anos depois, em carta a Machado de Assis, "a melodia interior, a nota rara..."

E Nabuco continuava as suas repugnantes doutrinas políticas, já iniciadas na correspondência vinda da Europa. Sonharia, de certo, o regresso do Brasil ao sistema monárquico. Mas com que discreção, com que elevação acalentava esse ideal! O que ele quer, em essência, é ver o Brasil educado para os seus grandes destinos, é ver o povo brasileiro educado para assumir a plena consciência dos seus deveres e dos seus direitos. É preciso educar os nossos amos — dissera uma voz no Parlamento Inglês, ao ser alargado o eleitorado até os operários. É isso o que ele almeja para a nossa terra: "É o que devemos fazer no Brasil: educar os nossos amos para a grande função neutra e nacional que lhe damos a 15 de novembro". Seu olhar arguto via com clareza

Um nome tradicional em todos os lares do Brasil!

Nas grandes capitais como nas pequenas cidades de todos os Estados do Brasil, a marca PEIXE representa, em todos os lares — há 50 anos — a máxima garantia de alta qualidade, pureza e sabor em doces, compotas, conservas, extrato de tomate, etc. Utilizando os mais modernos e aperfeiçoados métodos de fabrico, dispondo de plantações próprias onde são cientificamente cultivados e rigorosamente selecionados os frutos que empregam nos seus produtos, as FÁBRICAS PEIXE esforçam-se continuamente por retribuir à preferência dos seus consumidores, oferecendo-lhes sempre as mais saborosas sobremesas e os alimentos do mais alto valor nutritivo!

INDÚSTRIAS

ALIMENTÍCIAS

Carlos de Britto S. A.

FÁBRICAS "PEIXE"

RECIFE - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - DELFINA MOREIRA (Ninas Gêmeas)

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

inexcedível as realidades nacionais. E alguns daqueles artigos em que examinava a situação nacional (por exemplo: as *Ilusões Republicanas*, de 21 de julho de 1891; *Outras Ilusões Republicanas*, série de seis estudos, começando em 27 do mesmo mês e acabando em 1 de novembro do mesmo ano) são das sondagens mais sérias que a República brasileira em todos os tempos mereceu.

Nabuco, sabe-se, não pôde permanecer por muito tempo à frente do *Jornal do Brasil*. Agravando-se as perseguições aos monarquistas, saiu, ele, deixando a direção da folha a Rui Barbosa. Também Rui não se pôde ali conservar muito tempo, porque as agitações floriantistas sobrevieram, repletas de perseguições estópidas e intolerantes. Em breve o *Jornal do Brasil* fechava as suas portas.

Quando as tornou a abrir, o proprietário era outro, a colaboração e o ideal da folha eram diversos.

COMERCIO DE SAO PAULO

No período 1895-1896, mudou-se uma seção no *Comércio de São Paulo*. Era uma folha monarquista, dirigida por Eduardo Prado, e em suas colunas se agremiava um grupo seleto de escritores publicistas e cartistas. Nabuco entrou ali a coluna intitulada *Notas Políticas*. Com a agravação das intolerâncias republicanas, a imprensa paulista veio a sofrer o mesmo que sofreu a imprensa carioca. Prado pensou em passar a direção da folha a Nabuco, o que talvez diminuisse o furor dos ódios que a cercavam. Oferecia ao amigo a direção do *Comércio*, com um ordenado de 18 contos e um interesse nos lucros — lucros que não eram pequenos.

Logo depois, entretanto, comunicava-lhe que o furor republicano se ia tornando cada vez maior e mais perigoso, e dizia que a qualquer momento esperava uma agressão à folha. Em março de 1896, Nabuco, declarando não poder manter sua coluna, em virtude de viver em um tempo de despotismo e ditadura, despedia-se de seus leitores de São Paulo.

Era aquele, realmente, um tempo de paixões e fúrias desenfreadas. No Rio, a *Liberdade*, o jornal de Carlos de Laet, para cujo cargo de redator-chefe Nabuco se recusara a entrar, era depredado e incendiado pelos republicanos em crise de intolerância mais aguda.

A REVISTA BRASILEIRA

Foi, ao que suponho, no *Jornal do Brasil* que Nabuco e José Veríssimo se aproximaram. Veríssimo tinha ali a função de crítico literário, e, ao que consigo saber, devia ter também função na secretaria da folha.

Mais tarde, já fechado o *Jornal do Brasil*, acalmando-se devidamente o jornalismo político, vai José Veríssimo fundar a *Revista Brasileira*. Foi maravilhoso o que ele conseguiu ali: em uma época de tão intolerantes paixões, sua revista saiu por cima de figuras ou de partidos, e se tornou o cenário dileto a todos os homens de espírito. Ali, realmente, os monarquistas mais convictos, um Taunay, um Loretto, um Prado, encontravam-se com republicanos feroces como Lucio de Mendonça; um católico como Nabuco conversava com um ateu como Medeiros e Albuquerque; um doce homem de costumes mantos como Ma-

chado de Assis fraternizava com um boêmio sem juízo como Guimarães Passos...

A *Revista Brasileira* constituiu-se, assim, uma folha prestigiosa, e sua coleção (que vem de 1895 a 1899) é uma preciosidade em nossa bibliografia. Em suas páginas Nabuco publicou trabalhos dos mais característicos de sua obra — e, entre estes, o seu longo estudo acerca do senador Nabuco de Araújo, a monumental biografia do Estadista do Império.

Na *Revista Brasileira* embolou-se a Academia nascente; e podemos dizer, assim, que a Academia, inicialmente, ficou sendo um fruto do espírito de tolerância, da prudência, do sentido de harmonia, de José Veríssimo. Foi, com efeito, um prodígio, o poderem reunir-se, num país afetado à indisciplina e à desordem, aqueles quarenta homens que conceberam um sonho comum. Só a experiência, já então vitoriosa, da *Revista*, com a sua aceitação de todas as correntes, com a sua facilidade de apreciá-las e prezá-las todas, poderia permitir o clima necessário à criação daquela obra, cuja vitória é devida a Lucio de Mendonça, a Machado de Assis, a José Veríssimo, a Joaquim Nabuco, a todos os tradicionalistas; mas é também devida a Olavo Bilac, a Guimarães Passos, a Pedro Rabello, aos revolucionários mais crespos e mais impetuosos.

Nabuco foi uma das grandes forças de coação e prestígio da Academia nascente. Companheiro de Machado de Assis na mesa que azeou com a responsabilidade da fundação da instituição, secretário geral da sua primeira diretoria, coube-lhe fazer o discurso inaugural da Academia. Tinham sido suas, de certo, algumas das idéias que mais contribuíram para o prestígio, e mesmo para a originalidade, da Academia; a idéia, por exemplo, da criação do quadro de patronos. Foi a solução maravilhosa que o instinto infalível de Nabuco encontrou para dar antiguidade a uma instituição que nascia, e cujo prestígio só poderia decorrer das raízes que ela tivesse no passado, do culto que ela merecesse por sua tradição. Criando o grupo dos patronos, a Academia refulsa, por meio deles — por meio de Gregório de Matos, por exemplo — ao segundo século da vida brasileira. E adquiriu o título de uma anciandade ilustre, anterior mesmo à fundação da Academia Francesa...

Nabuco viu cristalizar-se em uma bela vitória aquela idéia que anunciava no seu discurso de inauguração da casa: viu a Academia vitoriosa. A Graça Aranha ele pôde escrever: "A Academia parece fundada. Ela repousa, pelo menos, sob a mais forte das bases, o amor da vanglória."

A Academia mantém pelo secretário geral de sua primeira diretoria o mesmo inalterado afeto. Ele, ainda de longe, orienta a instituição, suscita-lhe a solução melhor para vários problemas. E sua, por exemplo, a ideia de que cabem na ilustre casa também os bons espíritos, que, embora não sejam propriamente de homens de letras, representam um papel respeitável no quadro mental do país, a chamada teoria dos expeutes, que permitiu à instituição receber em seu seio um homem como Osvaldo Cruz, um homem como Santos Dumont, um homem como Miguel Couto.

Veríssimo mostrava-se sempre na *Revista Brasileira*, na Academia, em toda a parte, um atento e devotado amigo de Nabuco. Quando este publicou os seus *Pensamentos soltos*, Veríssimo escreveu acerca do belo livro dois estudos no *Jornal do Comércio* — estudos que pareceram a Machado de Assis justos, estudos que todos os ami-

gos, a Nabuco, porém, esses artigos nada agradaram. Comparou-os ele com um cartão de Schuré — e como este simples cartão do artista lhe pareceu mais compreensivo e mais arguto do que a página do *Jornal do Comércio* escrita pelo crítico! "Leia esse cartão de Schuré" (escreve a Graça Aranha) e veja que diferença entre o artista e o crítico, isto é, o Veríssimo. Este podia, bem não me ter traduzido. Esse tradutor! Como as palavras finais do artigo *Impertinente e indiscreto* exprimem bem a impressão que ele não pôde disfarçar. Eu esperava dele uma palavra de simpatia, como essas que estou recebendo de França, de desconhecidos, e ele deu ao Jornal à minha custa cinco colunas de viviseção, pois é de deses que não sabem julgar nada in se, o anônimo; precisa da pessoa do autor como um indivíduo que para julgar o perfume de uma flor precisasse primeiro vir a cara do jardineiro. Também eu não escrevi para críticos. Não racionam de lor. Cada vez me convengo mais de que o sentimento é mais largo do que o talento, — não digo do que a inteligência, porque a inteligência é toda sentimento. O sr. que entregou minha apresentação no Jornal a tal introdutor deve-me bem uma reparação nas mesmas colunas, preço do balaño de um Cuidado Viana, de um João Ribeiro, de um amigo entim. Esse Veríssimo não tem o sentido da tolerância. É um cético intolerante, um puro iconoclasta, um inquisidor fútil. Não me publique, pelo amor de Deus, nada do que lhe mando. Perderia para mim todo o encanto, e não é usual entre certa gente publicar cartas íntimas. Leia-as, porém, com o prazer de verdadeiro amigo e não as deixe sair de suas mãos."

Mas essa máguia ricarizava logo, e em breve o tom da correspondência de Nabuco com Veríssimo é o mesmo tom antigo — afetuoso e suave. "Acabo de receber a sua boa carta. Ela veio curar a ferida aberta pela sua pena..." escreve Nabuco ao amigo, em data de 23 de agosto de 1896. E logo: "Não lhe oculto a máguia de ver tratada assim por José Veríssimo uma obra na qual pus de muito o melhor da minha inteligência. Como lhe digo, porém, sua carta cicatrizou essa grande ferida..."

JORNALISTA OU ANTI-JORNALISTA?

Ja agora, no encerrar este estudo, podemos nos interrogar: foi Joaquim Nabuco realmente o que chamamos um jornalista, ou não será mais acertado considerá-lo exatamente o oposto disso, o tipo por excelência contrário ao homem de jornal?

O homem de jornal é essencialmente o homem da improvisação. Escreve num momento, e para o seu momento. Todo o seu apanço consiste em preencher o minuto efêmero, e desaparecer com ele.

Joaquim Nabuco é o contrário desse tipo mental. É o escritor feito às longas meditações, à contemplação filosófica e mistica. Toda a obra que legou é de repouso, de permanência, de sedimentação, de cristalização. Quando estudamos os interrompidos períodos de atividade de imprensa que ele teve, o que verificamos é isto: é que ele só está bem quando está doutrinando do alto das colunas de responsabilidade individual, expondo seus pontos de vista, defendendo suas convicções. Sua concepção do que seja a atividade jornalística é parecida com a de Rui Barbosa: é a de um jornalismo rento o efêmero do jornalismo, um jornalismo que possa permanecer, como um jóio de idéias e mesmo como uma construção de estilo...

Mas há, entre eles dois, uma diferença. Em Rui, a atividade da imprensa foi uma condição inevitável, uma necessidade de ordem pública, e mesmo um imperativo de ordem cívica. Foi a expansão natural das imensas forças interiores daquela vocação de revolucionário, daquela vocação de construtor.

Em Nabuco, o instrumento jornal foi muito menos poderoso do que em Rui, pois apareceu sempre como um derivativo, uma substituição do outro instrumento do lutador e do propagandista — este sim, primordial e potentíssimo — a palavra do orador. Se bem examinarmos as coisas, veremos que Nabuco só se tornou jornalista movido pela conveniência de trazer mais uma arma à sua campanha da Abolição. Feita essa, julgou-se com direito a uma aposentadoria. Se volta à atividade mais tarde (como o fez no *Jornal do Brasil*), é para verificar que se encontra irremediavelmente deslocado, perdido em um mundo que não entenda o seu dialeto de fúria e de harmonia. Refugia-se, então, em colunas meramente literárias, nas quais se vai abstrahindo cada vez mais das coisas caindo do mundo, e meditando sobre as coisas eternas. É a sua última fase — a fase da *Revista Brasileira* — na qual já nada existe nele do homem propriamente de jornal, em que sobrevive dele apenas o psicólogo político, o analista dos grandes fatos sociais, o historiador.

Mas, mesmo nos períodos em que com maior ardor e entusiasmo ele se dedicou às suas belas atividades de campeão da Abolição, o seu modo de ser jornalista era demasiado preocupado com o esplendor das idéias, com a elevação e a beleza da forma, para que lhe possamos dar em plena razão o título de jornalista.

Podemos esclarecer bem o assunto, com o citarmos uma opinião de Nabuco e o comentário

A margem dessa opinião feita por Felix Pacheco. Estuda Nabuco a fundação do seu querido *Jornal do Brasil*. E tendo citado os grandes nomes brasileiros e estrangeiros que, em todos os terrenos das ciências, das letras e das artes, Rodolfo Dantas conseguira reunir em sua redação, faz a folha que tanto amara o maior dos sãos. "Era, diz ele, um jornal saído de um gabinete de estudos."

Parece não haver maior lavor para um jornal do que esse; o de lhe dar algum um caráter assim de enciclopédia viva, criada dia a dia, o caráter de uma antologia que dia a dia se refaz. E isso era assim mesmo, para o espírito daquele homem essencialmente dado à meditação das idéias que ficam...

Vem, porém, o jornalista tipicamente jornalista, representante do por Felix Pacheco, o que comentário encontra para esse conceito de Nabuco? Encontra este, que é amável e dulcíssimo, sem dúvida: "Com esse intelectualismo requintado, está-se a ver que o jornal, como jornal, não podia deixar de dar com os burros n'água."

NABUCO E SUA FAMILIA DE ESPIRITOS

Sendo, embora, tão pouco jornalista, sendo mesmo por tantos aspectos o tipo do anti-jornalista, Joaquim Nabuco tem que ser estudado, entretanto, toda a vez que tratarmos de levantar os quadros históricos da imprensa brasileira. Ele será o representante de toda uma família de escritores desprovidos da vocação da imprensa efêmera, mas que as contingências das coisas empurram para o transitório das colunas dos jornais. Essa família é vastíssima, e num mundo em que as condições de fortuna são ásperas e difíceis, como o brasileiro, se vê multiplicada ao infinito. A ela pertenceram, entre outros, um Machado de

(Continua na página 127)

PREFACIO

A maior parte de *Minha Formação*, apesar de ter sido publicada no *Comércio de São Paulo*, em 1896, depois de recolhida pela *Revista Brasileira*, cuja publicação me faltou... Os capítulos que hoje accrescem são tomados, a um magistério mais antigo. São a conclusão e o novo. Na revista, alguns dos diversos artigos foram feitas mudanças e variantes. A data do livro para a leitura deve assim ser 1893-99, havendo algumas datas de v. gr. Estados de espírito de cada um desses annos. Tudo que se diz sobre os Estados Unidos e a Inglaterra foi escripto antes da guerra de Cuba e do Transvaal que marcaram uma nova era para os dois países. Algumas das allusões a amigos, como a Taunay e a Rebouças, são facticas, foram feitas quando elles ainda viviam. Foi para mim uma simples distração escrever agora estas paginas: seria, porém, mais

Primeira página do prefácio de "Minha Formação", com emendas do punho de Nabuco.

BIBLIOGRAFIA DE JOAQUIM NABUCO

O Gigante da Polónia. Ode oferecida ao Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro José Nabuco de Araújo por seu filho, etc. Rio de Janeiro, 1864. 7 págs. in 4.º com uma estampa.

Foi distribuída entre os amigos do autor.

Estudo Histórico. 1867. 44 págs.

É uma coletânea de artigos, escritos "como se escreve em São Paulo, sem calma e sem tempo".

Os Destinos. Drama. Foi representado a 2 de Abril de 1868 pelos atores Furtado Coelho e Ismenia. Sobre ela escreveu Salvador de Mendonça, no *Ipê-ranga*, um folhetim elogioso. Ignora-se onde jazem os seus originais; a peça nunca foi editada. (Carolina Nabuco, pág. 32).

A Escravidão — 1869.

Este trabalho nunca foi publicado. Dividia-se em três partes: *O Crime*, *A História do Crime*, *A Reparação do Crime*. O autor só escreveu as duas primeiras, que ficaram formando um ms. de 230 páginas, em letra miúda. (Carolina Nabuco, p. 35).

O Povo e o Trono, profissão de fé política de Juvenal, romano da decadência. Rio de Janeiro, 1868. 40 páginas, in 8.º.

Camões e os Lusíadas. Rio de Janeiro, 1872. 294 páginas in 8.º.

Le droit au meurtre: lettre à M. Ernest Renan. Rio de Janeiro, 1872; 88 págs., in 8.º.

É um folheto em francês, escrito a propósito de uma polémica que A. Dumas suscitava em Paris.

O partido ultramontano, suas invensões, seus sonhos e seu futuro. Rio de Janeiro, 1873, 65 págs., in 8.º.

São artigos antes publicados na *Reforma* (Rio de Janeiro).

A invasão ultramontana: discurso pronunciado no Grande Oriente Unido do Brasil no dia 27 de Maio de 1873. Rio de Janeiro, 1873. 56 págs., in 8.º.

Saíram antes em *A Reforma* (4, 5 e 6 de Junho de 1873), com o título de *Questão Religiosa*.

Castro Alves. Rio de Janeiro, 1873. 30 págs., in 8.º.

É uma série de artigos publicados na *Reforma* (20, 24 e 27 de Abril de 1873).

Os Maridos — Comédia. 1873. — Esta comédia foi recusada como imoral pelo Conservatório Dramático. Nabuco apelou desse julgamento para o julgamento de Machado de Assis, "como protetor da arte e de muitos artistas brasileiros". — É a informação que nos dá Lucia Miguel Pereira (*Machado de Assis*, páginas 156-160).

L'Amour et Dieu. Paris, Imprimerie de J. Claye — 1874.

É uma coleção de versos em francês.

Escola Venezolana. Finou no Expositão pública de 1875 artes, em 1872, pelo conselheiro Homem de Melo. Rio de Janeiro, 1875.

São conferências públicas feitas na Escola da Glória, a pedido do Imperador.

Camões: discurso pronunciado a 10 de Junho de 1880 por parte do Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro, 1880, 30 págs., in 8.º. Teve mais duas edições no mesmo ano.

Sociedade brasileira contra a escravidão, cartas do presidente Joaquim Nabuco e do ministro Americano H. W. Hilliard, sobre a emancipação nos Estados Unidos. J. Leuzinger e Filhos. Rio, 1880, 23 páginas. Rio, 1880, 23 páginas.

Manifesto da Sociedade brasileira contra a escravidão. Tip. de J. Leuzinger e Filhos. Rio de Janeiro, s.d. Foi impresso em três línguas.

Reformas nasceras. O abolicionismo. — Londres, 1883. XI-266 págs., in 8.º.

O autor anunciava esta obra como a primeira de uma série que ia publicar, com o intuito de apresentar aos brasileiros as reformas que em seu entender eram vitais, para o seu país.

O Abolicionismo tem 17 capítulos tratando dos seguintes assuntos:

- I — O que é o abolicionismo. A obra do presente e a do futuro.
- II — O partido abolicionista.
- III — O mandato da raça negra.
- IV — O caráter do movimento abolicionista.
- V — A causa já está vencida.
- VI — Ilusões até a independência.
- VII — Antes da Lei de 1871.
- VIII — As promessas da lei de emancipação.

- IX — O tráfico de africanos.
- X — A ilegalidade da escravidão.
- XI — Os fundamentos gerais do abolicionismo.
- XII — A escravidão atual.
- XIII — Influência da escravidão sobre a nacionalidade.
- XIV — Influência da escravidão sobre o território e a população do interior.
- XV — Influências sociais e políticas da escravidão.
- XVI — Necessidade da abolição. Os perigos de demora.
- XVII — Recelos e consequências. Conclusão.

O Abolicionismo. Edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco — Companhia Editora Nacional. — São Paulo, 1938, 249 páginas.

A Emancipação no Ceará e os Brasileiros em Londres — Rio de Janeiro. Tip. Central de Evaristo R. da Costa. Travessa do Ouvidor, 7 — 1883.

É um folheto de 23 páginas, encerrando os brindes e as alocações produzidas a 9 de Junho de 1883, em *Queen Anne's Mansions* (residência de José Carlos Rodrigues), no jantar em que os brasileiros comemoraram a emancipação do município de Fortaleza, no Ceará.

Discurso pronunciado relativamente à sua carreira política na campanha abolicionista, a 16 de Novembro de 1884. Rio de Janeiro, 1884, in 8.º.

Henri George. Naturalização do solo. Rio de Janeiro, 1884, in 8.º.

Confederação abolicionista, conferência a 22 de Junho de 1884, no Teatro Politeama. Rio de Janeiro, 1884, in 16.º.

Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados na sessão de 24 de Agosto de 1885, sobre a organização ministerial. Rio de Janeiro, 1885, in 8.º.

Campanha abolicionista no Recife (eleições de 1884) Discursos. Rio de Janeiro, 1885, 220 págs., in 8.º, com um prefácio pelo Dr. Aníbal Faicão.

O erro do Imperador — Rio, 1885.

É o primeiro opusculo de uma série intitulada *Propaganda Liberal*, que o autor se propunha a publicar. Foi sem demora respondida pelos adversários do escritor com outra série — *Propaganda da Verdade*, à qual pertencem os folhetos:

- O erro do Sr. Nabuco.
- O Eclipse do Patriotismo, além de outros.

O Eclipse do Abolicionismo. Rio de Janeiro, 1886. É o segundo opusculo.

Eleições liberais, eleições conservadoras. Rio de Janeiro, 1886.

É o terceiro opusculo da série.

Escravos. Versos franceses a Epicteto, com versão portuguesa em face. Rio de Janeiro, 1886.

É o quarto opusculo da série.

A sessão parlamentar. É uma série de artigos diários que o autor publicava no *Pais*, em 1886.

Mensagem dirigida e apresentada à Senhora Condessa d'Eu, no dia 13 de Maio, por alguns Brasileiros residentes na Europa. Paris, 1888.

Foi reproduzida no *"Jornal do Comércio"* de 10 de Julho de 1891.

Manifesto do Dr. Joaquim Nabuco precedido de algumas páginas escritas pelo Sr. Candido Furtado de Mendonça Junior, como contra-manifesto àquele. Recife, 1890.

Porque continuo a ser monarquista. Carta ao Director do *Diário do Comércio*. Londres — 1890, 23 págs.

É uma carta dirigida ao Dr. Fernando Mendes, e datada do Rio, 7 de Setembro de 1890. Existe na Biblioteca do Itamaraty, um exemplar deste opusculo, dedicado ao Barão do Rio Branco, com as seguintes palavras: *A uma fidelidade irmã*. Joaquim Nabuco.

Agradecimento aos Pernambucanos. 2.ª edição. Londres, 1891.

Discurso pronunciado no kermesse em favor dos feridos federalistas. Recife, 1893. Foi em parte publicado no *"Jornal do Recife"*, desse ano.

A minha carreira política: discurso. Recife, 1893.

O dever dos Monarquistas. Carta ao Almirante Jaceguay, com observações sobre a função histórica da monarquia no Brasil. Rio de Janeiro, 1895, 32 ps. in 4.º.

É uma resposta ao trabalho do Almirante Jaceguay: — O Dever do momento. Setembro de 1893.

Neste trabalho, que fora antes publicado no *"Jornal do Comércio"*, Jaceguay exortava Nabuco a vir à República.

Notas Políticas. Seção em *O Comércio de São Paulo* — 1895, 1896.

Balmaceda e a Guerra Civil do Chile. Rio de Janeiro, 1895, 225 págs., in 8.º. É uma série de artigos publicados no *"Jornal do Comércio"*, corrigidos e aumentados com um *post-scriptum* sobre a questão da América Latina e precedidos de um prefácio.

Balmaceda. Edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco. Companhia Editora Nacional, São Paulo — 1937, 195 págs.

Discurso ao ser recebido como sócio do Instituto Histórico (1890) — Revista do Instituto, LIX, 2.º, 363.

A Intervenção Estrangeira durante a Revolta. A intimação das potências. O controle naval na baía do Rio. A ação do Almirante Benham. O assalto à bordo das covetas portuguesas. Rio de Janeiro, 1896, XII-344 págs., in 4.º. É uma reprodução de uma série de artigos publicados no *"Jornal do Comércio"* de 11, 16, 18, 22, 23, 27 e 31 de Agosto, etc., com uma dedicação ao comandante Augusto de Castilho, um prefácio e notas.

A Intervenção Estrangeira durante a Revolta — Nova edição. Livraria Editora Freitas Bastos. — 1922, 399 págs.

D. Pedro II, por Joaquim Nabuco e Conselheiro Dantas. Rio de Janeiro, 1896. Este livro divide-se em duas partes. A primeira contém: *Missão de Imprensa*; *Perfil de Jornal*; D. Pedro II; Segundo retrato; Dia a Dia; O que se argue ao Imperador; Seu nome na história; O funeral; Prestígio fúnebre; Em S. Vicente de Fora. A segunda contém: *Cartas de França do Barão do Rio Branco*; Descrição completa da morte, últimos momentos e funerais de D. Pedro II; O tempo do óbito lavrado na maior do 2.º Distrito, câmara ardente, guarda dos despojos mortais, telegramas e vaitas de pesames; Último retrato embalsamado, morto foi vestido o corpo, exposição pública durante três dias, o caixão e a inscrição em latim; Tocante despedida da família, as flores e as principais corças e as honras das pessoas que se enviaram; entrada do corpo à noite na igreja da Madalena de Paris; Juízo da imprensa, agressões; O governo francês dando honras imperiais ao corpo, convites para as exequias, ornamentação do templo, tropas que concorreram ao funeral, suas bandeiras e insígnias; O coche fúnebre, cerimônias, contingentes militares, mais de trezentas mil pessoas assistindo à partida do comboio, etc.

Foi valente. É um livro de pensamentos e meditações católicas, escrito em 1896, mais ou menos. Nabuco o publicou; desmembrou-o depois, em benefício de outros livros, e principalmente de *Pensões Detachadas*.

A rainha Vitoria (por ocasião do jubileu da rainha Rainha), no *"Jornal do Comércio"* de 12 de Julho de 1897, ocupando 12 colunas.

Discurso de inauguração da Academia Brasileira de Letras, pronunciado na sessão de 26 de Julho de 1897.

Encontra-se nos seguintes lugares:

- Boletim da Academia, n.º 1 (1897).
- Revista da Academia, n.º 1, pág. 323 (1897).
- Discursos Acadêmicos, vol. 1.
- Joaquim Nabuco — Discursos e Escritos Literários.
- Autores e Livros, vol. 2.º, pág. 53.

Um Estadista do Império, Nabuco de Araújo. Sua vida, suas opiniões, sua obra. Tomo I, 1813-1867; Tomo II, 1873-1896; Tomo III, 1896-1897. — H. Guerber, Rio, 1898. 414, 468 e 391 págs., precedida de um retrato do Conselheiro Nabuco de Araújo, o 3.º com o retrato de Joaquim Nabuco.

Um Estadista do Império, Nabuco de Araújo. Sua vida, suas opiniões, sua obra. Por seu filho Joaquim Nabuco. Nova edição completa em dois tomos e acrescida de um índice alfabético. Tomo primeiro, 1813-1867; tomo segundo 1867-1873. Companhia Editora Nacional, São Paulo 1936. 584 e 592 páginas. É precedida com retratos do Conselheiro Nabuco de Araújo.

Discurso na sessão magna aniversária do Instituto

BIBLIOGRAFIA DE JOAQUIM NABUCO

Histórico, realizada a 15 de Dezembro de 1888. Revista do Instituto, LXI, 2.º, 757.

Centenário do Venerável Joseph de Anchieta. — Allaud e Comp. Paris, Lisboa, 1900, 336 págs. Três conferências do Arcebispo Francisco de Paula Rodrigues, Eduardo Prado, Brasilio Machado, Teodoro Sampaio, R. P. Americo de Noyas S. J., João Monteiro, Couto de Magalhães, Conego Manoel Vicente da Silva e Joaquim Nabuco. A conferência de Joaquim Nabuco vai da págs. 321 a 340, e tem o título de: — José de Anchieta. A significação nacional do Centenário Anchieta. Foi escrita para ser lida no dia do Centenário.

Minha Formação. — H. Garnier, Rio de Janeiro e Paris, 1900, 312 págs.

Minha Formação. Edição uniforme das Obras de Joaquim Nabuco — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943, X-285 págs.

Joaquim Nabuco, Obras Completas, Minha Formação. Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 1947, 223 págs.

Estas Obras Completas não seleccionadas e anotadas por Luiz Camilo de Oliveira Neto.

Minha formação. Traducción de Justo Pastor Benítez. Ministerio de Relaciones Exteriores — División de Cooperación Intelectual — Colección de Estudios Brasileños — 3.º. Rio de Janeiro, 1944, Imprensa Nacional, 204 págs.

Escritos e Discursos Literários. H. Garnier, Livreiro Editor, Rio de Janeiro, Paris, 1901, 302 págs.

La Guerra del Paraguay. Versión castellana. Garnier Hermanos, librerías-editoriales, Paris, 1901, 397 pgs.

Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise. Question soumise à l'arbitrage de S.M. le Roi d'Italie. Premier Mémoire. Le Droit du Brésil. Présenté à Rome le 21 Février 1903 par Joaquim Nabuco, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire du Brésil en Mission Spéciale auprès de Sa Majesté le Roi d'Italie. Paris, A. Lahure, imprimeur, éditeur, 9 rue de Fleurus, 424 págs. e um mapa fora do texto.

Fronteiras do Brasil e da Guiana Inglesa. Questão submetida ao arbitramento de S.M. o Rei da Itália. Primeira memoria brasileira, etc. — Paris, A. Lahure, editor, 1903.

Contem o original vernáculo da memoria anterior.

Annexes du Premier Mémoire du Brésil. Vol. I. Documents d'origine portugaise. Texte portugais. Première série, 1903, 333 págs.

Idem, idem — Deuxième série, 1903, 58 págs.

Idem, idem — Vol. III — Traduction, Première série, 62 págs.

Idem, idem — Vol. IV — Traduction deuxième série — 62 págs.

Idem, idem: Vol. V. Documents divers, Première série, 1903 — 38 págs.

Question de Limites du Brésil et de la Guyane Anglaise, soumise à l'Arbitrage de S.M. le Roi d'Italie. Atlas accompagnant le Premier Mémoire du Brésil. Paris, Ducourtoux et Huillard, graveurs-imprimeurs, 1903, 3 volumes.

Frontiers du Brésil, etc. Second Mémoire, Vol. I. La Prétention Anglaise Présentée à Rome le 26 Septembre 1903. Paris, A. Lahure et Cie., 344 págs. com mapas fora do texto.

Frontiers, etc. Second Mémoire, Vol. II. Notes sur la partie historique du Premier Mémoire Anglaise, etc. Paris, 1903, 120 págs.; mapas fora do texto.

Annexes du Second Mémoire du Brésil. Vol. I. Documents relatifs au tome premier du Second Mémoire. Première série, 1903. Vol. II, second série. Période de la neutralisation du Territoire. 1903, Vol. III, 1903, 3 vols. de 224, 232 e 187 págs. Mapas fora do texto.

Frontiers, etc. Troisième Mémoire. Vol. I. La Construction des Mémoires Anglaises. Présenté à Rome le 25 Février 1904. Paris, A. Lahure, 1904, 295 páginas.

Vol. II — Histoire de la Zone contestée selon le Contre-Mémoire Anglaise — Paris, 1904, 289 páginas.

Vol. III. — Reproduction des Documents Anglaises suivis de brèves observations, etc Paris, 1904, 120 páginas.

Vol. IV — Exposé Final, etc. Paris, 1904, 479 páginas.

Pensées détachées et souvenirs par Joaquim Nabuco. Paris, Librairie Hachette et Cie. 1906, 209 páginas.

Pensamentos soltos traduzidos do francês por Carolina Nabuco. Edição Uniforme das obras de Joaquim Nabuco. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937, 245 páginas.



Joaquim Nabuco, num dos seus numerosos retratos, traçados por Angelo Agostini.

Lincoln's World Influence. Remarks... at the Annual Banquet of the Lincoln Republican Club. February 12th, 1906. E' um folheto.

Scientific possibilities in Brazil. Remarks made by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil at the Third Annual Dinner of the Washington University Club on February 16th, 1907, 6 páginas.

Toast to President Roosevelt. Dinner at the Brazilian Embassy at Washington on the 18th of May, 1907, in honor Admiral Haet de Bacellar and the captains of the Brazilian ships on a visit to the Jamestown Exposition.

Lessons and prophecies of the Third Pan-American Conference. Address delivered by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil, before the Liberal Club of Buffalo on February 20, 1907 — 8 páginas.

The Spirit of Nationality in the History of Brazil. Address delivered before the Spanish Club of Yale University, on the 15th May, 1908 — 14 páginas.

The approach of the two Americas. Convocation Address delivered before the University of Chicago, August, 28, 1908.

Aproximação das Duas Américas — Revista Americana — Maio de 1910.

Saint-Gaudens. Speech delivered by... at the Memorial Meeting of the American Institute of Architects at the Corcoran Gallery of Art. Washington, December, 15, 1908.

Address at the Laying of the Corner-Stone of the new building of the American Republics in Washington. May 11th, 1908.

The Place of Camões in Literature, by Joaquim Nabuco, Ambassador of Brazil. Address delivered before the students of Yale University on the 14th March, 1906, 26 páginas.

The restoration of National Government in Cuba... Havana, June 20th, 1909.

The share of America in Civilization. Wisconsin University, June 20th, 1909.

Parte da America na Civilização — Revista Americana — Ano I, n.º 11 — Outubro de 1909.

The Lullaby as the Epic Love — Cornell University, April 23d, 1909.

Lincoln's Centenary. Speech of... February 26, 1909.

Centenário de Lincoln — Revista Americana, ano I, n.º 5 — Fevereiro de 1910.

Mr. Root and Peace. Speech... on February 26, 1909.

Dinner in honor of the Gridiron Club and Mr. J. C. Rodrigues, editor of the "Jornal do Comércio" of Rio de Janeiro, on May 6th, 1909.

Camões, the Lyric Poet. Address at Vassar College — April 21st, 1909.

L'option — Librairie Hachette et Cie., 1910, 83 páginas.

E' uma tragédia clássica em metro alexandrino. Foi composta na mocidade, sob a emoção da guerra de 1870; mas ficou esquecida durante quase quarenta anos.

Discursos e Conferências nos Estados Unidos. Tradução do Inglês por Artur Bomilear. Editor Benjamin Aguilu — Rio de Janeiro: Impresso em Nova York.

O prefácio de Artur Bomilear está datado de Nova York, Julho, 1911.

Encerra as seguintes conferências:

- O lugar de Camões na literatura.
- Camões, o poeta lírico.
- Os Lusíadas como a epopeia do Amor.
- A influência de Lincoln no mundo.
- Possibilidades científicas no Brasil.
- Bureau Internacional das Repúblicas Americanas.
- O espírito de nacionalidade na História do Brasil.
- A aproximação das duas américas.
- Saint-Gaudens.
- Restauração do Governo nacional de Cuba.
- O Centenário de Lincoln.
- Elihu Root e a paz.
- Gridiron Club.
- O Quinhão da America.

Diário — E' a anotação de a dia de suas impressões e de suas ideias, a partir dos dias da mocidade. Nunca foi publicado na integra. Carolina Nabuco transcreve muitas de suas páginas, na Vida de Joaquim Nabuco.

Um soneto de Joaquim Nabuco — Almanaque Alves, pag. 130.

Carta a Almeida Nogueira. Vem no vol. 8.º das Tradições e Reminiscências, pag. I e trata dessa obra.

Gracá Aranha — Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores. Monteiro Lobato e Cia. Editores. São Paulo, 1923, 260 páginas.

Epistolário Académico — Cartas de... publicadas na Revista da Academia Brasileira de Letras nos seguintes nrs.

- A José Veríssimo (15) n. 114.
- A José Veríssimo (14) n. 115.
- A Taunay (3) n. 115.
- A Gracá Aranha (1) n. 115.
- A Rodrigo Octavio (5) n. 122.
- A Rodrigo Octavio (11) n. 123.

Fages Choleis de... Traduit du Portugais par Victor Orban et Mathilde Pomès — Preface de Gracá Aranha — Paris. Institut International de Coopération Intellectuelle, 1940.

Camões e assuntos americanos — Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940.

Correspondência de Joaquim Nabuco e João Ribeiro — "Autores e Livros", Vol. 2.º (1942) pag. 60.

Publicações da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e os Jesuítas. Tríplice Centenário. Pontifícia Universidade Católica — Rio de Janeiro, 1949, 58 páginas. Encerra?

— Nota preliminar.

— Discurso de Joaquim Nabuco no Centenário de Anchieta em 1897;

— Discurso de Rui Barbosa no Colégio Anchieta em 1903.

Um discurso de Nabuco em Belo Horizonte — "Autores e Livros", Vol. 2.º pag. 74.

Joaquim Nabuco e a Paz na América. Carta a El

Diário de Buenos Aires em 1896. "Autores e Livros", vol. 2.º pag. 78; Pensamento da América, vol. 1.º, pag. 17.

Em 1949 a Casa Jackson, do Rio de Janeiro, punha à venda as Obras Completas de Joaquim Nabuco, obedecendo ao seguinte plano:

- I — Minha Formação
- II — Balmaceda — A Intervenção Estrangeira
- III — Um Estadista do Império — I
- IV — Um Estadista do Império — II
- V — Um Estadista do Império — III
- VI — Um Estadista do Império — IV
- VII — O Abolicionismo — Conferências e discursos Abolicionistas.
- VIII — O Direito do Brasil
- IX — Escritos e Discursos Literários — L'Option
- X — Pensamentos Soltos — Camões e Assuntos Americanos
- XI — Discursos Parlamentares
- XII — Campanhas de Imprensa
- XIII — Cartas a Amigos — I
- XIV — Cartas a Amigos — II

Um documento precioso para a história da questão da Guiana Inglesa

Carta de Guilherme Ferrero a Graca Aranha

O documento que aqui publicamos, dando-lhe, para maior fidelidade, a reprodução fac-similar, é importantíssimo para todos os que desejarem estudar a posição de Joaquim Nabuco — o poço também a do Brasil — na questão que o nosso país teve com a Inglaterra, a propósito do território das Guianas. Foi divulgada pela primeira vez na conferência — Joaquim Nabuco e a República Brasileira — que o diretor de *Autores e Livros* pronunciou, em 23 do corrente, no Instituto dos Advogados. Veio publicada no *Jornal do Comércio* do dia seguinte.

"Turin 2 Dic. 1907 — Via
Legnano 26.

Mon cher ami,

Je commence par introduire dans nos habitudes une nouveauté: je te tutoyerai. Nous aurons, me semble, du le faire déjà à Rio; nous n'y avons pensé; inaugurons donc le tu fraternel, comme dit Schiller, au delà de l'Atlantique.

Donc voilà deux semaines faites que nous sommes arrivés. Les caisses des livres ont été déballées et les livres rayonnent à leur place; la maison commence à rentrer dans son ordre habituel; les choses les plus urgentes sont faites. Dans quelques jours nous reprendrons notre existence normale. Et débarrassé des premiers soucis de la reorganisation du foyer, je partirai demain pour Paris, où je vais passer une semaine. Mais je veux l'écrire, avant de partir, pour te donner les nouvelles de notre voyage et les premières nouvelles de l'arrivée.

La traversée, tout somme, n'a pas été trop mauvaise, quant à la mer. Ma femme a souffert, mais moins que dans le voyage d'aller. Mlle. Barnet aussi. Le petit et moi nous nous sommes au contraire très bien portés. Quant à la compagnie, M. Huot de Bacellar a été un excellent compagnon: de bonne humeur, de conversation agréable, très instruit, très aimable et très simple, tout à fait dans le style nos Brésiliens sympathiques que nous avons connus à Rio. Malheureusement toute sa famille était malade; ce qui dérangait un peu nos conversations, d'ailleurs très intéressantes.

Le voyage n'a pas eu d'incidents notables. A Gênes où nous sommes arrivés le 17 par une belle matinée d'automne claire et froide, nous avons trouvé M. et Mme. Lombroso. Nous sommes restés à Gênes quelques heures; et le 17 Novembre, à 8 heures du soir, nous étions à Turin. J'y ai trouvé un froid, pour moi d'autant plus désagréable, que je m'étais très volontiers adapté à la chaleur du climat brésilien. Et j'y ai trouvé tout le monde très curieux de savoir les détails de notre voyage, ce que nous avons vu...

En effet depuis quinze jours nous ne faisons que raconter du matin au soir l'histoire de notre voyage, monter les canots, répondre aux questions infinies qu'on nous pose. J'aurai au moins écrit cent fois la baie de Rio, inutile que je vous dise que le Brésil occupe une bonne place dans ces narrations. Nous avons décrit déjà plusieurs fois aux intellectuels turinois tout le monde de l'Académie Brésilienne, ses personnages principaux et notamment M. Machado de Assis, M. Verissimo et vous; nous

[illegible][illegible]

1. Le premier est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

2. Le second est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

3. Le troisième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

4. Le quatrième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

5. Le cinquième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

6. Le sixième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

7. Le septième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

8. Le huitième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

9. Le neuvième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

10. Le dixième est de faire passer l'élève par une série d'exercices qui lui permettent de découvrir par lui-même les principes de la géométrie. On commence par les figures planes, puis on passe aux solides. On utilise des objets du quotidien pour illustrer les concepts.

Um documento precioso para a história da questão da Guiana Inglesa

Je me souviens de la conversation que j'ai eue avec le Dr. Branco. Il m'a dit que pendant son séjour à Paris, il avait rencontré M. de la Roche, un homme très intéressant, qui lui avait parlé de la Guayana Anglaise. Il m'a dit que M. de la Roche était un homme très intelligent, très cultivé, et qu'il avait beaucoup de connaissances sur la Guayana Anglaise. Il m'a dit que M. de la Roche était un homme très intéressant, très cultivé, et qu'il avait beaucoup de connaissances sur la Guayana Anglaise.

leur avont raconté votre vie à vous tous, dans la merveilleuse ville où vous vous êtes rencontrés de tous les coins du Brésil; nous leur avons parlé de M. Rio Branco et du rôle éminent qu'il joue à présent dans la vie du Brésil. Comme je vous disais à Rio, toutes nos relations paraissent à tout le monde les plus récentes; on a que des idées très confuses et très vagues sur toute l'Amérique méridionale, et on est très surpris d'entendre qu'il y a au Brésil un centre de vie intellectuelle si considérable que Rio.

Les journalistes aussi s'étaient précipités sur moi pour m'interviewer. Mais jusqu'à présent je me suis dérobé à leurs insistances. Ils sont trop ignorants et grossiers; et je ne me fie pas ni de leur bon sens ni de leur capacité professionnelle. Dieu sait ce qu'ils finiraient pour me faire dire. Il est mieux que je dise à son moment, moi-même, directement, ce que j'ai à dire.

Mais nous ne parlons pas en Brésil seulement avec les amis; nous en parlons aussi entre nous, en famille. C'est même beaucoup plus agréable; parce que nous évoquons entre nous

les souvenirs les plus doux de notre séjour, le souvenir des belles promenades, des conversations intéressantes, des personnes sympathiques, des amabilités reçues... Le discours ne tarit jamais, parce que les Brésiliens nous en ont donné une matière presque inépuisable; et à chaque instant quelque épisode a demi oublié se rappelle; et un détail en évoque beaucoup d'autres. Ainsi nous prolongeons idéalement notre séjour au Brésil; il ne nous semble pas de l'avoir quitté entièrement; ce qui augmente notre joie d'avoir fait retour à notre foyer et d'être à la fin rentrés chez nous.

J'ai aussi à te communiquer quelques informations intéressantes sur l'affaire de l'arbitrage pour la Guyenne Anglaise. Quand tu m'a parlé la première fois de cette affaire, d'instinct, sans savoir rien de précis, j'ai dit: "Le roi d'Italie n'a pas voulu déplaire à l'Angleterre, voilà comme s'explique la sentence." M. Raul de Rio Branco, avec des réflexions très sages et très insensées, m'avait fait revenir de cette idée en me persuadant que la faute de l'erreur n'était due à l'étude insuffisante.

La responsabilité n'était plus du tout, mais de ses conseillers. Ce que j'ai appris ici m'intéresse au contraire que ma première idée était exacte. Voilà ce qui est arrivé.

Quelques jours après notre arrivée, est venu me voir un professeur de la Faculté de Droit de Zurich, que je connais beaucoup et qui est un conservateur très rigide. J'étais dans mon cabinet de travail au milieu de ma bibliothèque sud-américaine que je commençais à placer dans les bibliothèques. Dans un coin il y avait les publications sur l'arbitrage que M. de Rio Branco m'a données. Mon ami me demande ce que s'était cette montagne de gros livres. Je lui répond vaguement que ce sont les documents d'une affaire très importante, dans la quelle l'Italie a été mêlée: l'arbitrage entre le Brésil et l'Angleterre. "Ah, je sais — il me reprend tout de suite — c'est cette affaire, dans la quelle le roi d'Italie n'est si mal conduit, et a donné tort au Brésil qu'avait raison." Tu peux t'imaginer mon étonnement. Personne n'a parlé en Italie de cet arbitrage. Comment donc ce professeur était-il si bien

(Continua na página 131)

AS COMEMORAÇÕES PERNAMBUCANAS A JOAQUIM NABUCO

Palestra com o Dr. José Tomaz Nabuco

SERGIO VELLOZO

Os pernambucanos reclamaram para si o direito de melhor homenagear Nabuco em seu centenário. E com razão. O nosso grande estadista sempre fez questão de ressaltar em sua vida os laços que o uniram à terra natal. Seus comemoratórios achariam-se pois, na justo direito de atribuir-lhe aqui esse caráter, esse amor.

Assim foi que o atual governador de Pernambuco organizou um programa de comemorações que se estenderiam por toda a semana do centenário, iniciando-se no domingo, dia 14, com a conferência do Dr. Celso Vieira, representante da Academia Brasileira de Letras. Além disso, o Dr. Barbosa Lima contou em nome do Estado, para assistirem às cerimônias, várias personalidades cultas, e todos os descendentes de Nabuco, filho e netos do escritor. São eles, em ordem de nascimento: Joaquim, Maurício, Carolina e José. O primogênito é o atual governador Nabuco, viciário da corte de Santa Teófilo. Maurício Nabuco é o nosso conhecido embaixador nos Estados Unidos. D. Carolina, que herdou as qualidades literárias do pai, é hoje uma das nossas grandes escritoras. O filho mais moço é o Dr. José Nabuco, que é advogado na capital e quem procuramos para que nos desse alguma coisa sobre a semana, que passou em Recife e das homenagens lá feitas ao seu ilustre pai.

Os seus netos de Joaquim Nabuco: Sylvia Maria, Joaquim Aurélio, José Tomaz, Maria do Carmo, Afrânio e João Maurício são os filhos do Dr. José Nabuco que é casado com D. Maria do Carmo Mello Franco Nabuco, irmã do deputado Afonso Arinos de Mello Franco.

Hoje, às nove horas da manhã, subi a tortuosa ladeira da Rua Isidro, onde mora o advogado José Nabuco com sua numerosa família. Sentados na ampla sala de escritório e biblioteca, num ambiente de conforto acolhedor, em que as paredes cobertas de livros e as poltronas de couro, grandes e macias, nos seduzem a permanecer ali, lentos, desocupadamente, toda uma tarde, iniciamos a nossa entrevista.

— "Fomos em um grupo de treze pessoas, e fizemos uma agradável viagem por mar até Recife. Lá nos encontramos com o meu irmão Maurício, que chegou em Julho dos Estados Unidos. Meu irmão Joaquim foi o único que permaneceu no Rio. Representou a família nas comemorações que aqui se fizeram".

— Onde ficaram hospedados?

— O industrial José Pessoa de Queiroz pôs a nossa disposição uma linda casa na praia da Boa Viagem. Tivemos então o ensejo de verificar a hospitalidade e a velha fidelidade pernambucana. Dr. Pessoa de Queiroz, que é um dos maiores usineiros de Pernambuco, manteve a tradição aristocrática dos antigos senhores de Engenho. Fomos tratados primeiramente. Tudo o que desejássemos estava ao nosso dispor, desde os empregados até o automóvel que permanecia estacionado defronte da casa.

— E o governador, como os recebeu?

Também com a máxima gentileza e carinho. No dia seguinte na casa da esposa fomos visitados no Palácio das Princesas. Apresentaram-nos as duas irmãs e nos disse da satisfação em ter a família de Joaquim Nabuco presente às comemorações, as quais fizera empenho em que tivessem o maior brilho possível. Como o nosso anfitrião, colocou tudo às nossas ordens, sendo o nosso menor desejo satisfeito com rapidez. Vimos, aliás, em todo aquele carinho com que nos recebiam, não só gentileza e hospitalidade, mas também e satisfação em poder retribuir um pouco do amor daquele que tanto soube amar a sua terra. Os pernambucanos

orgulham-se de Nabuco, e em tom alegre que percebemos isso.

E as comemorações?

— Estas só começaram no domingo, dia 14, com a conferência do representante do Acadêmico de Letras, Dr. Celso Vieira. Passamos a tarde daquele dia na casa do jornalista Amílcar Fernandes, que nos fez a conferência que viria pronunciada no Rio de Janeiro. Foi a conferência que ele fez no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

De lá fomos ao cocktail que nos ofereceu o conselheiro e depois, todos juntos, dirigimo-nos ao Teatro Santo Isabel.

Fiquei comovido ao vê-lo assim, naquele teatro que é tão ligada à vida política do meu pai. E foi uma noite de raro brilho, como as dos antigos dias. O nome de Nabuco ainda é lembrado pelo povo de Recife. Sentimos isso naquela ocasião, e principalmente quando visitamos, dias depois, uma cidade do interior. De toda a estadia o que mais me surpreendeu e me calou fundo no coração foi essa visita a Arco-Verde. Arco-Verde, hoje chamada Rio Branco é uma cidadezinha de 12.000 habitantes, situada bem no sertão pernambucano. No dia 16, à tarde, no cinema local, foi feita uma sessão comemorativa do centenário. E justamente o que mais me impressionou foi ver aquela multidão de pessoas que nada tinham que as ligasse ao meu pai, pois Arco-Verde não pertence ao seu distrito eleitoral, e ele nunca esteve ali. Conversel com várias delas, e todas denotavam uma admiração, uma respeito enorme por um homem que nunca tinham visto, e que só conheciam através das narrativas de pessoas que vinham da capital. Nesse dia eu realmente senti a força do exemplo, da palavra, da personalidade de um homem, força que transpõe barreiras, impossíveis do tempo e do espaço para atingir o coração de um sertanejo, de um homem do campo, rude e analfabeto. Nesse dia, senti um orgulho que posso confessar sem constrangimento, por ser não pelo meu pai, mas pelo estadista Joaquim Nabuco.

Aquele mesmo sentimento popular percebemos quando na romaria que fizemos ao engenho de Massangana, no dia 18. Antes, porém, sucederam-se alguns fatos de importância que devem ser relatados: — as duas conferências oficiais, uma pronunciada pelo Dr. Nilo Pereira, secretário do Governo e a outra pelo professor Oscar Mendes, e a chegada do Embaixador Americano, que veio representar o seu país nas homenagens a meu pai, que foi, aliás, por muitos anos, o nosso representante em Washington.

No dia 18, quinta-feira, houve a grande romaria a Massangana. O engenho da infância de Joaquim Nabuco fica no município do Cabo. Quando lá chegou a caravana, foi-se a ela agregando o povo do município, de modo que, ao chegarmos ao engenho, já nos aguardava uma colossal massa humana. A casa do engenho e a capelinha foram reconstruídas, e foi no interior da própria casa que se fizeram as comemorações, com vários discursos. Depois fomos, até a capelinha, que estava muito bonita, toda calada de novo.

Foi uma emoção para nós, descendentes de Nabuco, estarmos ali, percorrendo os lugares onde ele passou a infância, onde ele recebeu as primeiras inspirações da religião em que moldou sua personalidade e onde pela primeira vez se lhe abriu diante dos olhos a imensa desgracia da escravidão, fato que representou a pedra mestra do seu civismo e do seu amor pela liberdade. Ele soube atribuir a formação do seu caráter a esses anos de infância em Massangana.

Tivemos ocasião, como já disse, de perceber como está arraigado no povo o sentimento de Nabuco. Conversamos com vários netos, filhos de escravos, e muitos antigos escravos, quase centenários. Todos eles lembram-se de meu pai quando ele visitou Recife, em 1903. Alguns ainda se lembram da campanha abolicionista. Uma delas, e tinha todo o corpo, nunca pensou pudesse haver tanto amor, tanto carinho por alguém já tão distante.

De volta de Massangana fomos para a casa em Boa Viagem descançar um pouco, pois lá não haveria mais uma conferência, a do Dr. Oscar Brandão. Nesta mesma noite Oliberto Freire também pronunciava a sua na Faculdade de Direito. Fiquei assim privado de ouvir naquela ocasião a palavra do meu velho amigo que tenho em Pernambuco.

— Imagino que a separação política, tão forte em Pernambuco, deve ter prejudicado, também em outras ocasiões, as festas do Centenário.

— Não, pelo contrário, salvo um ou outro contratempo, como essa coincidência de duas conferências, ao mesmo instante, lá não em nada mais se manifestou. Muito pelo contrário, houve mesmo uma união em torno das celebrações, como que uma pausa nas lutas partidárias para que, todos juntos, pudessem homenagear o patrio ilustre. A intenção comum de reverenciar a memória do estadista a todos congressos. Verificamos isso em várias ocasiões.

O dia 19 de agosto, dia do centenário, foi, como era de se esperar, aquele em que se fizeram as maiores homenagens. Elas se estenderam por todo o dia, iniciando-se, às 8.30, no "Diário de Pernambuco", com a re-inauguração do seu velho carrilhão, que estava emudecido havia 17 anos. Nesta ocasião comprovou-se aquilo que eu tinha ressaltado com relação à trégua nas lutas partidárias. O governador, que fora convidado pela redação daquele que é o primeiro jornal da oposição, compareceu com todo o seu secretário, numa atitude cavalheiresca e altaneira que foi muito aplaudida. Compareceram também os ministros Clemente Mariani e Raul Fernandes, os embaixadores da Inglaterra e dos Estados Unidos, os comandantes das regiões militar e naval general Amerino Freire e almirante Otávio de Medeiros, representantes da alta magistratura pernambucana, Academia Pernambucana de Letras, e grande massa popular.

Exatamente às 8.30 da manhã, hora em que, na casa da rua do Aterro da Boa Vista nasceu Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, movimentou-se o velho carrilhão, enchendo os ares com seu som que havia tantos anos não se fazia ouvir.

As nove horas teve início na Catedral Madre de Deus, para onde todos tinham rumado, a missa solene, oficiada pelo bispo de Nazaré, seguida de um sermão panegírico.

Saindo da igreja, fomos em romaria ao cemitério de Santo Amaro, em visita ao túmulo de Joaquim Nabuco. O governador colocou ali uma coroa, e o mesmo fizeram os representantes da Inglaterra e dos Estados Unidos. Minha filha Sylvia e meus dois filhos Afrânio e João Maurício lançaram pétalas de flores sobre o túmulo.

Saindo do cemitério, fomos para a residência de Antígones Chaves, que ocorreu a todos um esplêndido almoço. Governador, diplomatas, magistrados, todos compareceram depois à inauguração do busto de Nabuco na escola do governo que tem o seu nome. Vários oradores se fizeram ouvir. De lá, ainda juntos, dirigimo-nos para a praça da Independência, onde se ergue a estatua de Joaquim Nabuco, e onde estava na

(Continua na página 132)

DOCUMENTÁRIO CASIMIRO DE ABREU

Cartas de Horácio José Marques de Abreu a Nilo Bruzzi

Vitória, 11 de maio de 1949.
Prezado Nilo Bruzzi.

Cordiais saudações,

E com o mais vivo interesse que venho acompanhando sua obra "Casimiro de Abreu", meu tio-avô, portanto parente com não muito remoto do meu avô e meu Casimiro. Muito contente fiquei por ter reabilitado a memória do meu bisavô, José Joaquim, que, apesar de argentino, era mais que um pai, era uma mãe, pois que o nosso doce e meigo Casimiro, não só teve, fatalmente esse que persegue os Marques de Abreu, segundo a opinião de meu tio, o segundo José Joaquim. Se se dignar de responder-me, poderei ajudá-lo em alguma coisa; desde já vou lhe pedir que pesquise o parágrafo de quatro cartas e do antigo retrato do poeta que a família possuía, cartas e retrato que o signatário destas linhas teve em mãos no já tão distante ano de 1916; porém, para quem descobriu até o número do passaporte do meu bisavô, isso não será tarefa impossível. Quando vi essas cartas fiquei muito chorotado, pedi-as ao meu tio, o segundo Casimiro, pois parecia coar-las à Academia, porém meu tio, alegando a minha baixa idade, declarou-me que aquelas relíquias viriam fatalmente ter às nossas mãos, pois o meu pai detinha descendência, porém, com o falecimento desse meu tio, tornou-se seu herdeiro universal um seu compadre, corretor, ou coisa que o valha, de café, chamado não sei o que Pipa de Mesquita. Quando ao remanescente da fortuna do Marques de Abreu, evaporou-se com o falecimento de minha avó, Maria Joaquina, que não legou à Igreja em forma de missas, de formas que a quinta dos Carvalhais foi vendida em leilão para pagamento das referidas missas, visto que a minha avó não se esqueceu

do mais remoto parente, assim sendo o signatário da presente ao morrer tem direito de entrar no Céu de sapatos e tudo.

(a) Horácio José Marques de Abreu.

Vitória, 4 de junho de 1949.
Amigo Nilo Bruzzi,

Um forte abraço,

Acuso sua carta de 31-5-49, que procurei responder. Antes de mais nada quero que o amigo me perdoe a heresia de não me ter ainda referido ao fino poeta de "União", isto, talvez, por ter ficado empolgado com a minuciosa e erudita biografia do "nosso Casimiro". Tudo o que posso dizer é o seguinte: para escrever sobre um poeta, só mesmo outro poeta, e poeta de rara sensibilidade como é o amigo. Fechemos o introito e passemos ao questionário proposto na sua carta, que respondo.

1.º — José Joaquim (Juca) viveu aí no Rio, uma eternidade, voltou a Portugal para tratar da anulação do testamento de nossa avó Maria Joaquina e lá faleceu, ralado de desgostos, por não conseguir da justiça de lá, então de braços dados com os representantes da nossa Santa Madre Igreja. A conversa, ouvi dela aqui em nossa casa em Vitória.

2.º — Júlio, este nunca veio ao Brasil, ficou sempre em Portugal como administrador da Casa dos Carvalhais, em Vila Nova do Pamarico, Porto.

3.º — Francisco (Chico). — o Joaquim Silveira da Família, — pois preferiu ficar ao lado dos pais, por questão de chumada com o meu tio Juca; morreu, também em Portugal. Carlos — o Benjamin da família, morreu na África, não me ocorrendo, agora, se em Mocimboa, que ou Angola. Maria Amélia, essa nunca saiu de Portugal, lá

bregu, na expressão do meu tio Juca (José Joaquim), no caso dos Marques de Abreu, dela nunca mais tivemos notícias, não sei se já faleceu, creio que sim. Também o tio Carlos teve uma filha mulatinha, pudera, portuguesa na África, que veio ser educada em Portugal. Também deixamos de ter notícias, o que cessou de todo após a morte de meu pai em 1937, 22 de outubro.

Amigo Nilo, se nas minhas cartas encontrar alguma achega para "Casimiro de Abreu", autorizo-lhe a dar-lhe divulgação. Sem mais, amigo e admirador:

(a) Horácio José Marques de Abreu.

Vitória, 22 de junho de 1949.
Prezado amigo Nilo Bruzzi.

Cordiais saudações.

Devido ao maldito restrito que me aconteceu, não pude, como aspirava, comparecer ao nosso costumeiro colóquio da praça 8, tampouco levar ao amigo o meu abraço de despedida. Com referência à biografia do poeta do "amor e da saudade" que, o amigo com erudição, paciência e honestidade traçou, nela reabilitando a memória do meu bisavô José Joaquim, tão injustamente julgado pelos biógrafos apressados do mais brasileiro dos poetas brasileiros — o nosso Casimiro — nada teria a adiantar, pois com ela estou de pleno acórdio, se não fora a atitude da Academia Fluminense de Letras, que abandonou o poeta para fazer a defesa do HOMEM, mesmo essa que compete a seus parentes fazer, caso exagerassem na referida biografia uma ofensa; pelo contrário, o que vi foi a reabilitação do velho José Joaquim. Se tivesse visto ofensa, como parente próximo do poeta, uniria ao protesto da Academia o meu, embora des-

zalo. Mas acontece que não houve ofensa alguma por parte do seu biógrafo, porquanto foi dita a verdade, não só que eu já sabia, através da tradição oral de minha família, como também em documentos fidedignos e irretorquíveis.

Porque a Academia Fluminense não procurou dar ao poeta Casimiro a posição universal que lhe foi dada em seu trabalho? Deixou-o quase um século como o rapazinho virgem da vila da Barra de S. João, sempre surrado pelo pai, e fazendo versos atrás de um imaginário balcão. Vem o amigo e diz: — Ele não era nem o moço, sempre cheirando a água de flores de laranjeira, nem o poezinho regional que a Academia Fluminense de Letras sempre apregou. É um homem em cujo estro ecoou uma nação. É o poeta universal do Brasil eterno. Que maior consagração poderia ter tido um poeta? Sua biografia do nosso Casimiro

está certa e eu, como seu sobrinho-neto, a considero perfeita sob o ponto de vista histórico. Torno a repetir o que lhe disse, já em cartas, já de viva voz — ela não me trouxe novidades quanto às particularidades, porquanto já as conhecia, porém sua leitura deu-me muito prazer, porque o amigo teve a honestidade de atestar o trabalho em documentos firmes. É o grande mérito de sua obra, está precisamente na ausência da repetição de enredos imaginários — foi real em tudo, dizendo sempre a verdade. A honra do historiador está acima das lendas. Se a verdade destrói uma lenda, por mais poética que ela seja, então seja dita a verdade em benefício da história. Aliás, o meu ponto de vista coincide com o da notável D. Dinah Silveira de Queiroz no seu artigo "Casimiro virou homem", e ficou muito mais interessante e sedutor porque seu homem é ter

UM DOCUMENTO PRECIOSO PARA...

(Continuação da página 130)
relembro? Je le lui ai demandé, et voici ce que j'ai appris.

Ce professeur est très lié avec un nommé M. Buzzati, qui est professeur de droit international à l'Université de Fribourg. M. Buzzati a fait partie d'une commission de juristes qui, parait-il, avait été chargée par le roi d'étudier la question. Et M. Buzzati a raconté à mon ami qu'en les chargeant d'étudier la question, le roi recommanda d'avance aux membres de la commission de donner raison à l'Angleterre! Malgré cette recommandation, le droit du Brésil était évident, — c'est toujours ce que raconte M. Buzzati — que la commission adopta des conclusions entièrement favorables aux demandes du Brésil. Mais le roi n'en tint aucune compte et il aurait, toujours d'après M. Buzzati, redigé lui-même la belle sentence que nous connaissons, en disant "qu'il ne pouvait pas faire une chose désagréable à l'Angleterre".

La chose présentée sous cette forme est tellement grave pour notre roi que j'ai d'abord eu quelque difficulté à l'admettre, mais qu'elle confirme entièrement ma première intuition. Je les connais les messieurs de Rome, inter et in cute! Mais je n'aurais a priori cru que le roi put arriver à commettre de propos délibéré une telle friponnerie. Accepter un arbitrage pour avoir l'occasion de rendre un service à l'une des deux parties au dépens de l'autre! C'est monstrueux. C'est pour cela qu'avant d'accepter définitivement cette version je veux tâcher de faire une petite enquête. En tout cas une chose est évidente: c'est qu'en Italie ceux qui ont pris part à l'arbitrage savent bien qu'ils ont commis une grande sottise et qu'ils cherchent à dégaier leur

responsabilité! Les juristes consultés rejettent toute la responsabilité sur le roi.

Naturellement je te prie de faire usage de ces renseignements avec toute la discrétion diplomatique. Communique-les à tous les amis que se sont occupés de la chose; mais il faut avoir soin que rien ne soit publié dans les journaux. Pour le moment, ce serait intempestif. D'ailleurs si on donne l'alarme avec quelque publication, nous finirons par ne savoir plus rien. Au contraire, avec un peu de patience et de prudence on pourrait finir par savoir toute l'histoire secrète de l'arbitrage. Parmi les choses que tu as apprises à Rome ou après l'arbitrage, y en a-t-il qui confirmeraient ou démentiraient le récit de M. Buzzati? M. Nabuco aussi peut-être pourrait donner quelque lumière sur ce point.

Mais je m'aperçois que la lettre est déjà assez longue. Je terminerai en te remerciant de nous rappeler moi et ma femme au souvenir de tous les amis de Rio, de M. Machado, de M. Verissimo, de M. Souza Bandeira, de M. de Almeida, de M. de Alencar — en un mot, de toute l'Académie. Tu es prié de dire à tous, encore une fois, que nous gardons le plus charmant souvenir de toutes les amabilités dont ils nous ont comblés, — que nous espérons les voir tous, à peu à peu, en Europe; et que quand ils viendront nous trouver, ils s'apercevront que nous ne les avons pas oubliés.

Je te prie de saluer d'une manière tout spéciale M. de Rio Branco, qui devrait à cette heure avoir reçu l'œuvre d'art de M. Ristoff, que nous lui avions destinée. Je te prie enfin de me rappeler au souvenir de Mme. Graça Aranha, que ma femme salue très amicalement. Avec une cordiale poignée de main — (a) — Guilherme Ferrero."

ATIVIDADES...

(Continuação da página 126)

Assis e um Alberto de Oliveira, um João Ribeiro e um Euclides da Cunha, um Alphonso de Guimarães e um Cruz e Sousa, talvez mesmo um Constantino Alves e um Olavo Bilac — todos eles nítidas vocações literárias, escritores puros, puros poetas, que, se as condições de vida no Brasil fossem outras, teriam passado os dias da existência somente entregues às suas meditações e às suas criações literárias. Em nosso país, porém, tiveram que aceitar a realidade, e viram-se forçados a entregar-se — as mais das vezes sem convicção e sem amor — a essa dolorosa servidão do jornalismo.

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Croire, c'est se donner entièrement (P. 7).

Le mystère ne retrecit pas l'horizon, il l'élargit (P. 30).

A la fin de tout, si Dieu n'existe pas, la religion aurait eu un rôle, si possible encore plus beau, car elle en aurait tenu lieu (P. 49).

Prier, quand vous composez. Il y a des sons au clavier humain que seul Dieu peut tirer (P. 57).

AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos

em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO
PERNAMBUCO

AS COMEMORAÇÕES PERNAMBUCANAS A JOAQUIM NABUCO

(Continuação da página 130)

grande um pavilhão. Ao entrarmos na praça deparamos com um espetáculo maravilhoso. Ela estava repleta. Gente de todas as classes sociais. Havia representantes das associações de classe, de todos os sindicatos operários, alunos dos colégios, dos grupos escolares, das autoridades do governo, representantes das entidades culturais, enfim, pode-se dizer que ali estava representado todo o povo de Recife.

Iniciou a cerimônia o dr. Otávio Correia, presidente da Assembleia Estadual, fazendo uma rápida alocação. Sucederam-se então, os inúmeros oradores. Primeiro o dr. Sílvio Rabelo, secretário da Educação e Cultura, depois o dr. Francisco Vera, o padre Arnaldo de Souza, e muitos outros.

— Nesses, e nos outros discursos, qual a feição, qual o ângulo da personalidade de Nabuco mais focado?

— Sem dúvida alguma, a do abolicionista, por ser aquela que está mais ligada à sua gente, à sua terra, e que o notabilizou diante do povo e diante da História. Outros ângulos de igual valor, mas escondidos, mais sutis, e por isso menos evidentes aos olhos do povo. Para os estudiosos nas conferências, nos salões literários, mas o grande traço de união de Nabuco com o povo é o abolicionismo. Neste sentido, tive ocasião de verificar com alegria como está viva a sua memória na consciência do povo, mesmo do povo analfabeto, que guarda esse carinho de geração em geração. Foi essa revelação que mais me emocionou.

— Sei que houve, à noite, uma sessão solene no Teatro Santa Isabel, não?

— E foi um espetáculo igual aos outros em beleza e entusiasmo. O teatro ficou todo decorado. A iluminação, intensa e belíssima.

Como nas comemorações anteriores, não havia um lugar. O teatro estava superlotado. Sem mencionar as autoridades que tinham estado conosco durante toda a tarde, lá se encontravam os professores da Faculdade do Recife, os deputados da Assembleia Estada-

dual, os representantes do clero e da magistratura, etc. O primeiro a falar foi o Ministro Clemente Mariani, que fez uma conferência longa, minuciosamente estudada e amplamente documentada, tratando da influência balana na formação de Joaquim Nabuco. Em seguida falou minha irmã Carolina, agradecendo ao povo de Pernambuco por todas aquelas homenagens ao nosso pai. Encerrou a sessão o Governador Dr. Barbosa Lima Sobrinho, que fez uma curta, porém belíssima oração. O povo a todos ouviu com atenção e aplaudiu com entusiasmo. Foi uma noite memorável.

— E não muito diferente das sessões do século passado, dos grandes triunfos de Nabuco. Representou mais um triunfo seu, o mais raro e o mais difícil: o triunfo sobre a terra. Mas voltando às comemorações, o que houve no dia seguinte?

— Foi um dia igualmente cheio. O governador nos ofereceu um almoço no jardim sob-botânico de Dois Irmãos, que transcorreu em ambiente de animação e simpatia. À noite houve uma sessão de música e recitação de poemas em homenagem a Raul D'Eça, nosso nobre cultural nos Estados Unidos.

A noite, pela primeira vez depois de 22 anos, o Palácio das Princesas abriu as suas portas para uma recepção à sociedade pernambucana, seguida de um baile de gala.

Estava tudo muito bonito, e se há alguma coisa a ressaltar era a beleza de todas as coisas. O prédio do palácio, a ornamentação luxuosa, as moças pernambucanas. Foi um fecho de ouro para aquela semana maravilhosa, que constituiu uma das maiores alegrias que já tive na vida. Com satisfação verifico estar certo quando fiz questão de que todos os meus filhos assistissem às comemorações. Ficará o exemplo do avô gravado na alma deles e também de como o povo de uma terra sabe retribuir os serviços e o amor daqueles que a amaram.

— Quer dizer que encerraram-se assim, as comemorações do centenário?

Para mim, pois meus irmãos, que ficaram mais

dias em Pernambuco (vimos em três grupos separados) ainda foram, no domingo até Nazaré, o distrito eleitoral que elegeu meu pai, deputado em 1888, por terem os seus adversários, num gesto de elegância, abandonado as suas candidaturas para dar passagem à sua. Se a ida a Arco-Verde, que era uma região afastada, nada tendo a ver com a eleição de meu pai, tanto me emocionou, imagine o que não deve ter sido em Nazaré, onde a população é toda constituída pelos filhos daqueles que o elegeram!

Realmente, falando de nós com o embaixador Maurício Nabuco, tive a confirmação de tal opinião, pois ele me contou, que naquele dia tivera a maior impressão de sua vida. A sacada do hotel, de onde costumava falar Joaquim Nabuco, estava toda coberta de flores. Dali se divisava toda a praça, onde estava em aclamações, virtualmente, toda a população da cidade. Deve ter sido um espetáculo realmente emocionante.

D. Carolina e Dr. Maurício ainda tiveram ocasião de presenciar mais alguma coisa?

— Compareceram ainda a uma homenagem no clube das Pás, o tradicional clube carnavalesco do velho e do novo Recife. É interessante ressaltar este fato, um clube popular tomando a iniciativa de um preito de tal ordem. O povo das ruas quis ter também a iniciativa de uma homenagem a Joaquim Nabuco. Eles sabem que este nome é um dos seus patrimônios.

Quando descia à rua Icatá, as festas, cerimônias e discursos a tumultuaram-me a cabeça, intimamente agradeço ao Dr. José Nabuco pela exposição que me fizera. Inexplicavelmente eu me sentia mais aproximado da pessoa de Joaquim Nabuco, pois percebera, por detrás da figura imponente dos comandantes de História do Brasil, um pouco da imagem humana, mais íntima e mais querida quando, raramente, a sentimos nos grandes homens.

Notícia sobre Joaquim Nabuco

Documentário Casimiro de Abreu

(Continuação da página 121)

que Rui Barbosa ia pela me-

dia da Federação: enquanto

na ideia, até a república.

Vá, em 13 de Maio de 1889, o

aviso: o mal pelo de seus

achos: a lei da Abolição. Acha-

se feito e, arrebatado numa on-

da de gratidão pela Princesa

Isabel, que assinara a magna

lei, pelo rei, que permitiu a

filha ter esse gesto sente-se um

devotado cada vez mais sinc-

co à causa da Monarquia.

Compreende, é bem verdade, que

a história tem um curso fatal,

e que, em princípio, os ideais

que apregoam os republicanos

caminhavam com uma força in-

evitável. Mas admite isso ape-

na em princípio. No terreno

da realidade continuava na-

que mesmo ponto de vista de

suas reflexões anteriores — não

chegando a desposar a ideia

da mudança do regime, como o

famoso Rui.

Em 23 de abril de 1889 con-

clui matrimônio com D. Evelina

Torres Soares Ribeiro, filha de

João Antonio Soares Ribeiro o

Barão de Imohán; e, deixando

do lado os assuntos políticos,

volta-se para o seu pitoresco

parque de Paqueta, onde se

gostava sua felicidade. E ali

que, certo dia de Novembro, recebe dos lábios de seu antigo mestre e amigo o Barão de Tauboeus a notícia de que havia sido proclamada a República no Brasil. Delibera permanecer à margem dos acontecimentos, alheando-se deles tanto quanto possível. Os pernambucanos oferecem-lhe uma oportunidade de eleição, para a Constituinte Republicana, porém ele recusa. Recusa outras comissões que lhe são oferecidas pelo novo regime. Passa a viver dos ordenados que lhe dá sua atividade jornalística. Dirige o *Jornal do Brasil*, colabora no *Comércio de São Paulo*, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. E volta a ser advogado, abrindo o seu escritório com João Alfredo. Mas, como esse escritório se tornara o ponto de encontro dos monarquistas e tinha ficado suspenso às autoridades policiais, Nabuco o fechou. Seu ponto de predileção passa a ser a "Revista Brasileira", da qual virá a nascer, pelos esforços de Lucio de Mendonça, Machado de Assis, José Veríssimo e o próprio Nabuco, a Academia Brasileira.

O Brasil, porém, não podia

dispensar os serviços de um homem da sua superioridade espiritual e cultural. E Campos Sales conseguiu movê-lo a aceitar o cargo de nosso advogado na causa que tínhamos com Inglaterra, a respeito dos limites da Guiana Inglesa na região do Pirara. Sabia-se o quanto foi injusta a solução que o árbitro Victor Emmanuel da Itália deu a esse pleito.

Nabuco passou, depois, a ser o nosso representante em Londres, e logo após (1906) o nosso embaixador em Washington. Na capital da grande república do Norte, teve uma situação privilegiada, alcançando um prestígio que raros diplomatas ali terão usufruído. Em 1906, veio ao Rio, para presidir, de julho a agosto, à Terceira Conferência Pan-Americana. Em sua campanha dirigiu os trabalhos dessa conferência o secretário de Estado norte-americano Elihu Root. Sua atuação, o idealismo de suas palavras, a sabedoria de seus conceitos, tudo isso já fazia entrever o desenrolar ulterior da política do nosso continente. E como que anunciava a hora intensamente americanista, que que estamos vivendo hoje.

Acenava-se, cada vez mais a sua surdez. Nabuco tendo cada vez mais a religião. A esse tempo, tratava sempre o rosário no bolso. Quando está só, repete a "Salve Rainha", o "Ato de Contrição". A sua religião é "uma fonte perene de alegria. Quando vai para Washington, como embaixador, mantém lá, como já mantivera em Londres, o mesmo espírito quasi de misticismo.

Ao lado disso, porém, tem um grande prestígio em todos os salões. Sua belíssima varonil e celebrada e admirada por todos. Conta-se que os copuladores de ômbus, quando passam de frente da Embaixada, avistam os excursionistas que ali mora o embaixador Nabuco, o mais belo dos homens dos Estados Unidos.

Em 1909, fez ele, em caráter oficial, uma viagem a Havana, para assistir à restauração do governo nacional da Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington várias convenções de Arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba.

Faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910, vítima de uma hemorragia cerebral. Seus últimos tempos fo-

ram unidos de doçura e resignação. Nas cartas que nessa época escreveu a d. Evelina Nabuco, a todos os momentos manifesta a sua elevação íntima para Deus.

Na comunicação que o embaixador Jusserand fez ao governo francês da morte de Nabuco há este trecho: "De há muito ao serviço de seu país, que ele honrara pela nobreza de caráter, seu alto senso de justiça e uma elevação de vistas que nenhuma consideração de ordem pessoal jamais conseguia alterar, o sr. Nabuco era cercado aqui da estima e posso dizer da admiração universal". "O nosso país não produz muitos homens assim", dizia-me com lágrimas nos olhos o primeiro secretário brasileiro por ocasião dos funerais. Pude, com toda a sinceridade, responder-lhe: Nenhum país produz muitos."

Seu corpo foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital americana, e depois veio para o Brasil, no cruzador americano "North Caroline", que aqui chegou a 9 de abril daquele ano. Foi logo depois transportado para o Recife, encontrando-se hoje inumado no cemitério de Santo Amaro, na cidade que o viu nascer.

Em 28 de setembro de 1915, Recife lhe ergueu, em uma de suas praças públicas, uma estátua.

E patrono da Academia Pernambucana de Letras.

NOTA A ESTE...

(Continuação da página 121)

to maior número de páginas do que aquele de que podemos dispor — organizamos uma relação de fontes acerca de Nabuco, relação em que o leitor que deseja estudar a vida e a obra do grande brasileiro vai encontrar as datas e os lugares relativos não só aos estudos, aos discursos e às conferências aparecidas por ocasião do centenário, mas mesmo os referentes a uma abundante contribuição anterior.

Tal relação será publicada no próximo número.

O número de hoje de *Autores e Livros* vai-se incorporar, pelo espírito e pela intenção, aos números 4 e 5 do 2.º volume (1 e 8 de fevereiro de 1942) os quais, com uma farta matéria biográfica e documental, são dedicados a Joaquim Nabuco.

defeitos e qualidades, e ele tinha os dois em abundância e, por isso, ainda hoje é o poeta que é.

Nego, pois, a Academia Fluminense de Letras o direito de exercer as mínimas atribuições familiares. Ela que defende o poeta e deixa a mim a defesa do cidadão. No dia em que se levantar uma calúnia contra este, eu saberei defendê-lo. No dia em que disserem que o poeta não presta, eu que o defendo provando o contrário, como o amigo fez muito antes dele, no seu justo trabalho. Dizer que uma vida irregular prejudica a sinceridade poética, é de um provincialismo atroz e revela ignorância das biografias de Byron, Verlaine, Wilde e muitos outros que, apesar de uma intimidade torpe, legaram aos pósteros uma obra poética maravilhosa.

Fique, pois, tranquilo porque o seu trabalho está verdadeiro e indelével.

Sem mais, firma-se o amigo, patriótico e admirador

(a) *Horácio José Marques da Abreu.*

Vitória, 11 de agosto de 1949. Caro Nilo:

Antes de mais nada, um grande e forte abraço daqueles capazes de curar o mal rebelde reumatismo e acordar um cataleptico que dormia há 60 anos, o sono da mais cãndida inocência. Passei os olhos na apoteose que a Academia Fluminense fez ao nosso Casimiro, em repêndia à sua erudição justa e humana biografia do Cantor do Amor e da Saudade. Aqui pra nós, a coisa podia ter sido um pouco melhor, mas antes assim, pois o poeta, com o aplauso ou não da Academia, estava de há muito consagrado aqui e além-mar, onde se fala o idioma do velho Camões. Para mim, conforme já te tenho feito sentir, a tua obra teve um grande mérito, máxime mesmo, de reabilitar a memória do meu bisavô, o velho José Joaquim, double de pai e mãe do nosso poeta, tão injustamente atestado pelos biógrafos apressados do nosso Casimiro. Sem mais um grande abraço do seu cunhado

(a) *Horácio*

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dos volumes da 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00

Do volume IX Cr\$ 5,00

Do volume X Cr\$ 4,00

Brochura do volume IX Cr\$ 100,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leonidas Lacerda
Praça Marechal Floriano, 55 - 2.º andar. Fone: 42-5825
Impressão nas oficinas da Editora Mery Ltda.

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 3.º andar — Fone: 23-9981, ramal 8. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.